

Rondinele Augusto Teixeira Passos

OS DOGMAS MARIANOS EM SÃO LOURENÇO DE BRINDES

Trabalho de Conclusão de Curso
submetido ao Curso de Teologia da
Faculdade Católica de Santa Catarina
para a obtenção do Grau de Bacharel
em Teologia.

Orientador: Prof. Dr. Vitor Galdino
Feller

Florianópolis
2023

Ficha de identificação da obra elaborada com o auxílio da
Biblioteca Dom Afonso Niehues da FACASC

Passos, Rondinele Augusto Teixeira

Os dogmas marianos em São Lourenço de Brindes /
Rondinele Augusto Teixeira Passos; Orientador: Vitor
Galdino Feller; Florianópolis, SC, 2023.

79 p.

TCC (Graduação - Teologia) - Faculdade Católica de
Santa Catarina.

Inclui referências:

1. Mariologia 2. Dogmática 3. Franciscanismo 4. História. II.
Título.



FACULDADE CATÓLICA DE SANTA CATARINA (FACASC)
Recredenciada pela Portaria Ministerial n. 205, de 03/02/2017 (DOU n. 26,06/02/2017, p.23)
Rua: Deputado Antônio Edu Vieira, 1524 - Caixa Postal n° 5041 - Bairro: Pantanal.88040-245 - Florianópolis (SC) - Brasil -
CNPJ n° 82 898 891/0005-33

Rondinele Augusto Teixeira Passos

Os dogmas marianos em São Lourenço de Brindes

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de **Bacharel em Teologia** e aprovado em sua forma final pelo Curso de Teologia da FACASC.

Florianópolis, 09 de agosto de 2023.

Prof. Dr. Edson Adolfo Deretti
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Vitor Galdino Feller
Faculdade Católica de Santa Catarina Orientador(a)

Prof. Dr. Edson A. Deretti
Faculdade Católica de Santa Catarina Avaliador(a)

Prof. Dr. Domingos Nandi
Faculdade Católica de Santa Catarina Avaliador (a)

Aos que sempre estiveram ao meu lado durante o curso de Teologia: confrades, amigos, familiares e professores.

“Entre os homens mais excelentes, que foram chamados pela providência divina para auxiliar a Igreja em seu trabalho, aquele ilustre membro da sua Ordem, Lourenço de Brindes, certamente ocupa um lugar destacado.”

(Bento XV)

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo examinar a dogmática mariana elaborada por São Lourenço de Brindes, em um período em que dois desses dogmas ainda não haviam recebido a promulgação oficial do Magistério eclesiástico. Esse santo capuchinho desempenhou papel importante na promoção da fé católica durante o instável período posterior à Reforma Protestante. Em suas pregações, desenvolveu uma sólida Mariologia, defendendo a Maternidade Divina, a Virgindade Perpétua, a Imaculada Conceição e a Assunção de Maria. As principais conclusões obtidas indicam que a mariologia dogmática de São Lourenço, embora influenciada por limitações de sua época, esclarecem a fé católica, contribuem para a compreensão teológica e apoiam a mariologia contemporânea. Para atingir os objetivos propostos, foi realizada uma pesquisa qualitativa de caráter bibliográfico, tendo como corpus central o próprio Lourenço de Brindes (2004), bem como outras fontes relevantes da literatura especializada.

Palavras-chave: Mariologia. Capuchinho. Pregações.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- 1Sm – Primeiro livro de Samuel
AH – Contra as heresias (Irineu de Lião)
Ct – Livro do Cântico dos Cânticos
Demonstratio – Demonstração da pregação apostólica (Irineu de Lião)
DH – Denzinger-Hünemann
Ephes – Carta aos Efésios (Inácio de Antioquia)
Gn – Livro do Gênesis
Jo – Evangelho segundo João
Jó – Livro de Jó
Lc – Evangelho segundo Lucas
LG – *Lumen Gentium*
Mt – Evangelho segundo Mateus
UR – *Unitatis redintegratio*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1 O DOCTOR APOSTOLICUS E SEU <i>MARIALE</i>	17
1.1 A TRAJETÓRIA DE SÃO LOURENÇO DE BRINDES.....	17
1.1.1 Da Infância aos primeiros apostolados.....	17
1.1.2 Da diplomacia ao doutoramento.....	21
1.2. O <i>MARIALE</i>	27
1.2.1 Mariologia sólida.....	29
1.2.2 Mariologia completa	31
2 OS DOGMAS MARIANOS ANTIGOS	34
2.1 HISTÓRIA DO DOGMA DA THEOTÓKOS.....	34
2.2 A MÃE DO VERBO CRIADOR.....	37
2.3 A MÃE DAS CRIATURAS	41
2.4 HISTÓRIA DO DOGMA DA VIRGINDADE PERPÉTUA.....	42
2.5 A VIRGINDADE DE MARIA PARA SÃO LOURENÇO	46
3 OS DOGMAS MARIANOS MODERNOS	49
3.1 HISTÓRIA DO DOGMA DA IMACULADA CONCEIÇÃO	49
3.2 A IMACULADA CONCEIÇÃO PARA SÃO LOURENÇO	53
3.3 HISTÓRIA DO DOGMA DA ASSUNÇÃO	60
3.4 A ASSUNÇÃO PARA SÃO LOURENÇO	65
CONCLUSÃO	71
REFERÊNCIAS	75

INTRODUÇÃO

O propósito deste trabalho consiste em examinar como São Lourenço de Brindes, um doutor da Igreja, concebeu os dogmas marianos em uma época em que dois deles ainda não haviam sido oficialmente promulgados pelo Magistério eclesiástico. Para responder a este problema, tem-se como objetivo geral analisar o pensamento de São Lourenço sobre os dogmas marianos, identificando os argumentos por ele empregados à luz das perspectivas mariológicas atuais. E como objetivos específicos: apresentar a vida de São Lourenço em seu contexto e atividades bem como o seu *Mariale*, obra na qual se encontra a mariologia laurenciana; desenvolver sucintamente o histórico dos dogmas da Maternidade Divina e da Virgindade Perpétua de Maria e verificar a ortodoxia do *Mariale* no tocante a essas duas verdades de fé promulgadas pela Igreja já bem antes do nascimento do *Doctor Apostolicus*; expor sucintamente o histórico dos dogmas da Imaculada Conceição e da Assunção de Maria ao céu e identificar o parecer de São Lourenço sobre esses aspectos da mariologia, promulgados pela Igreja como verdades de fé somente bem depois de sua morte.

A presente pesquisa surge em virtude da controvérsia existente no diálogo ecumênico em relação aos dogmas marianos, os quais suscitam divergências entre católicos e protestantes. A Maternidade Divina, a Virgindade Perpétua, a Imaculada Conceição e a Assunção de Maria ao céu são temas que não são consensualmente aceitos por ambas as vertentes cristãs. Nesse contexto, a relevância do estudo da concepção de São Lourenço sobre esses dogmas se justifica pelo fato de que ele foi um doutor da Igreja que viveu próximo ao período da Reforma Protestante, e se destacou como um dos principais escritores de mariologia de sua época. A análise da visão laurenciana sobre esses dogmas pode contribuir para a Teologia ao investigar a fé da Igreja, enriquecendo o discurso teológico e auxiliando os cristãos a repensarem e a vivenciarem de maneira mais plena seu vínculo com a Virgem Maria.

Para alcançar este fim, este trabalho seguiu a metodologia qualitativa de caráter bibliográfica, em que foi utilizado de São Lourenço o *Mariale* (2004), uma obra completa e sólida sobre a Virgem Maria. Além dele, também *La mariologia di S. Lorenzo da Brindisi* (1951b) de Gabriele Roschini foi de suma importância para tal fundamentação teórica, assim como a *História dos dogmas* (2013) de Bernard Sesboüé, *Maria, mulher de Deus e dos pobres* (2010) de Clara

Temporelli, *Mariologia* (2011) de José Paredes e *San Lorenzo da Brindisi* (1959) de Arturo da Carmignano.

Os dogmas serão pressupostos como conquistas inegáveis e vinculantes para a confessionalidade católica, porém sujeitos a reinterpretção e a reformulação linguística, com constante fidelidade à Sagrada Escritura e à Tradição. Eles são como degraus que marcam o progresso da teologia e da compreensão da Revelação Divina, sem que isso resulte em uma supervalorização que subestime as Sagradas Escrituras. Ademais, eles não correspondem à totalidade do conteúdo da fé católica. São Lourenço compreendeu essa perspectiva e aplicou-a de maneira exemplar em sua mariologia.

A presente pesquisa adota uma estrutura composta por três capítulos distintos. O primeiro capítulo busca fornecer uma concisa biografia de São Lourenço de Brindis, destacando suas atividades e funções na Ordem Capuchinha e na Igreja, com ênfase especial em suas pregações. Além disso, será realizada uma introdução à Mariologia laurenciana, que se encontra em sua obra intitulada *Mariale*, uma compilação de 84 sermões sobre a Virgem Maria.

No segundo capítulo, será apresentado um resumo histórico dos dogmas marianos promulgados nos primeiros séculos da Igreja, com o objetivo de verificar a fidelidade de São Lourenço ao magistério eclesiástico nessas questões. Através da análise de seus sermões, será investigado como ele abordou a Maternidade Divina de Maria e sua Virgindade Perpétua, bem como os argumentos que utilizou para sustentar essas posições.

No terceiro capítulo, dedicado aos dogmas marianos mais recentes, será fornecido um breve histórico do desenvolvimento dessas verdades de fé, focalizando-se na postura adotada por São Lourenço em relação a eles. É importante ressaltar que o santo capuchinho viveu nos séculos XVI e XVII, enquanto a proclamação da Imaculada Conceição e da Assunção de Maria ao céu ocorreu nos séculos XIX e XX, respectivamente.

A partir dessas análises, serão elaboradas algumas considerações finais que servirão como conclusão do estudo, reconhecendo a importância da dogmática mariana de São Lourenço, embora sejam apontados certos limites em sua teologia. Será destacado o auxílio proporcionado pelo estudo do *Mariale* para a compreensão da fé católica e da evolução do pensamento teológico ao longo dos séculos.

1 O DOCTOR APOSTOLICUS E SEU MARIALE

São Lourenço de Brindes, um frade capuchinho dos séculos XVI e XVII, distinguiu-se como um pregador notável e autor prolífico de manuscritos. Admirado por sua erudição em Sagrada Escritura, Teologia, Patrística e Filosofia, produziu uma obra de grande valor teológico, o *Mariale*, com sólidos sermões sobre as festas e sobre os louvores e invocações direcionados à Virgem Maria. O *Mariale* apresenta uma Teologia Mariana de base sólida, enraizada em elementos da Sagrada Escritura e da Tradição, e reúne cerca de quatro mil passagens bíblicas e citações de oitenta escritores e Padres.

1.1 A TRAJETÓRIA DE SÃO LOURENÇO DE BRINDES

A época na qual viveu São Lourenço foi marcada por turbulências religiosas na Europa, mas sobretudo pela expansão do protestantismo e pelo Concílio de Trento. Esse cenário resultou em conflitos e guerras em muitos países europeus, incluindo a França, onde ocorreu o massacre de São Bartolomeu.¹ Como pregador e diplomata católico, São Lourenço desempenhou um papel importante na promoção da fé em seu tempo. Registros processuais e testemunhos de contemporâneos confirmam sua contribuição à Ordem Capuchinha, à Igreja e à história.

1.1.1 Da Infância aos primeiros apostolados

Aos 22 de julho de 1559, nasceu, no sul da Itália, Lourenço de Brindes, filho de Elisabetta Masella e Guglielmo Russi. O nome registrado em seu batismo, Giulio Cesare Russi, foi inspirado no famoso ditador romano do primeiro século antes de Cristo. Chamando-o assim, seus pais esperavam para ele um futuro político promissor.² No entanto, aos 9 de fevereiro de 1575, com apenas quinze anos, Giulio Cesare

¹ FRÖHLICH, Roland. **Curso básico de História da Igreja**. São Paulo: Paulus, 1987, p. 119-135.

² LÓPEZ-MELÚS, Rafael M. **San Lorenzo de Brindisi**. Sevilla: Apostolado Mariano, 1989. p. 3.

ingressou na Ordem dos Frades Menores Capuchinhos em Verona e recebeu o hábito religioso.

Segundo Rafael M. López-Melús, Giulio Cesare pertencia a uma família nobre e recebeu boa educação escolar na infância. Com apenas seis anos, surpreendeu os fiéis da Catedral de sua cidade com um pequeno discurso cheio de “[...] desenvoltura, claridade de linguagem, autoconfiança, graça e ao mesmo tempo piedade [...]”.³

Muito cedo perdeu seus pais e, por isso, foi educado por um tio sacerdote. Discerniu sua vocação religiosa na igreja de Santa Maria dos Anjos, na ilha de Giudecca, e no Colégio São Francisco.⁴ Após ser admitido à profissão religiosa em 1576, Lourenço estudou Lógica e Filosofia em Pádua e Teologia em Veneza.

No entanto, seus colegas de escola logo perceberam sua impressionante habilidade para memorizar a Bíblia e citar passagens com precisão. Lourenço “[...] confidenciou a um amigo ser capaz de reescrever toda a Bíblia de memória, no caso de ela se perder.”⁵ Essa habilidade seria fundamental em sua futura luta contra os protestantes, que frequentemente se apoiavam nas Escrituras para justificar seus ensinamentos. Sobre esse conhecimento das Escrituras, testemunhou um contemporâneo seu, o Padre Bernardo de Nápolis:

Eu, particularmente, conheci esse padre Frei Lourenço de grandíssima capacidade e de felicíssima memória; sabia de cor quase toda a bíblia, não só de maneira geral, mas citava distintamente capítulos e versículos.⁶

³ “[...] *desenvoltura, claridad de lenguaje, desparpajo, gracia y a la vez piedad.*” (LÓPEZ-MELÚS, 1989. p. 4, tradução nossa).

⁴ CARMIGNANO, Arturo da. **San Lorenzo da Brindisi**: profilo biografico. Roma: Postulazione Generale dei Frati Minori Cappuccini, 1959. p. 8; LÓPEZ-MELÚS, 1989. p. 6.

⁵ “[...] *confidò a un amico d'essere in grado di riscrivere tutta la Bibbia a mente, nel caso ch'essa si fosse smarrita.*” (CARMIGNANO, 1959, p. 12, tradução nossa).

⁶ D'ALATRI, Mariano. Santos e Santidade. In: CRISCUOLO, Vincenzo. **Os capuchinhos**: fontes documentárias e narrativas do primeiro século (1525-1619). Brasília: Conferência dos Capuchinhos do Brasil, 2007. p. 699; CARGNONI, Costanzo. **I Frati Cappuccini**: documenti e testimonianze del primo secolo. Perugia: EFI, 1991. v. 3. p. 4980.

Por ocasião da aproximação de sua ordenação sacerdotal, experimentou uma luta interna cada vez mais intensa entre “[...] o desejo de subir ao altar e o sentimento de sua própria indignidade.”⁷ No entanto, uma ordem dos superiores o encorajou a prosseguir, e em 18 de dezembro de 1582, ele finalmente foi ordenado presbítero. Oito dias depois, Lourenço celebrou sua primeira missa na igreja do Redentor, em Veneza, rodeado por parentes e irmãos.⁸

São Lourenço de Brindes se dedicou especialmente ao apostolado da palavra, tornando-se um grande orador sacro. Ele possuía e explorou progressivamente todas as qualidades necessárias para um grande pregador. Para seus sermões, produziu uma grande quantidade de manuscritos, com poucas correções posteriores. Esses manuscritos constituem os onze volumes que ficaram conhecidos como *Opera Omnia*, totalizando quase cinco mil e oitocentas páginas, que são uma mina inesgotável de conhecimento.⁹

As pregações que realizava estavam em consonância com a Ordem Capuchinha, que repudiava “[...] qualquer forma de oratória que se afastasse da pregação evangélica.”¹⁰ Lourenço sempre construía e desenvolvia suas pregações a partir da liturgia do dia, utilizando sempre o texto da Sagrada Escritura. Além disso, ele enfrentou desafios contra as imperfeições de sua época, como a lógica estatal anticatólica, as concepções aristotélicas interpretadas sob o prisma averroísta e a nobreza enfraquecida pela estagnação intelectual e pela queda dos padrões morais.¹¹

A pedido do Papa Clemente VIII, Lourenço exerceu de 1592 a 1594 o ofício de pregador aos judeus de Roma. Falava o hebraico tão corretamente que lhe confundiam com um judeu convertido ao catolicismo.¹² Era versado em Teologia, Patrística e Filosofia. Conhecia detalhadamente a doutrina protestante, a ponto de refutá-la com

⁷ “[...] *il desiderio di salire all'altare e il sentimento della propria indegnità.*” (CARMIGNANO, 1959, p. 14, tradução nossa).

⁸ CARMIGNANO, 1959, p. 14.

⁹ CARMIGNANO, 1959, p. 22.

¹⁰ “[...] *ogni forma oratoria che si scostasse dalla predicazione evangelica.*” (CARMIGNANO, 1959, p. 14, tradução nossa).

¹¹ CARMIGNANO, 1959, p. 23.

¹² RENGERS, Christopher. **The 33 Doctors of the Church**. Charlotte: TAN Books, 2014. p. 560.

maestria. Seus contemporâneos diziam que ele se parecia com São Paulo, o apóstolo.¹³ A dedicação incansável à missão de propagar os ensinamentos do Evangelho bem como a bondade como religioso foram características marcantes de seu apostolado.

Muitas foram as funções desempenhadas por Frei Lourenço, como a de leitor de Teologia, guardião, mestre de noviços, capelão militar, *vigário provincial* de quatro províncias capuchinhas (Toscana, Veneza, Suíça e Gênova), definidor geral, *vigário geral* da Ordem (1602-1605) e diplomata missionário da Igreja.¹⁴ Tudo isso ele desenvolveu com excepcional intelectualidade e eloquência, com o domínio de vários idiomas, como o italiano, o latim, o hebraico, o grego, o francês, o alemão e o siríaco.¹⁵

Além de sua erudição, Frei Lourenço também se destacou como um homem dedicado à oração, rigoroso consigo mesmo, responsável, humilde e devoto à Virgem Maria. Como muitos outros religiosos de sua época, ele possuía o hábito de infligir penitências rigorosas a si mesmo, especialmente em relação à alimentação e à bebida. Entretanto, por motivos de saúde, precisou moderar essas práticas.¹⁶ Devido a sua conduta, Lourenço foi reconhecido como o mais proeminente pregador de sua época e um representante significativo do período pós-tridentino.¹⁷ Ele foi um exemplo de dedicação e comprometimento com

¹³ RENGERS, 2014, p. 561.

¹⁴ Na época em questão, a Ordem dos Frades Menores Capuchinhos estava subordinada à Ordem dos Frades Menores Observantes. Apenas em 1619 os capuchinhos passaram a ter um ministro geral próprio. Por esse motivo, o capuchinho de maior autoridade na Província era chamado de *vigário provincial*, e não de *ministro provincial*, como é atualmente. Da mesma forma, o capuchinho de maior autoridade em toda a Ordem era chamado de *vigário geral*, porque o verdadeiro *ministro geral* era o que gerenciava a Ordem dos Frades Menores Observantes. (BOULENGER, Auguste. **Historia de la Iglesia**. Barcelona: Litúrgica Española, 1936. p. 559). Nesse sentido é que devem ser entendidas as funções de São Lourenço de Brindes como *vigário provincial* e *vigário geral*.

¹⁵ LÓPEZ-MELÚS, 1989, p. 8; RENGERS, 2014, p. 559-561; LAWRENCE OF BRINDISI. **The Mariale**. Trad. Vernon Wagner. Delhi: Media House, 2007. p. 12.

¹⁶ LÓPEZ-MELÚS, 1989, p. 8.

¹⁷ LÓPEZ-MELÚS, 1989, p. 8; RENGERS, 2014, p. 559; CARGNONI, 1991, p. 4943.

a fé e com a missão de propagar os ensinamentos do Evangelho. Sua dedicação, compromisso e amor ao próximo são fontes de inspiração a muitos.

1.1.2 Da diplomacia ao doutoramento

Lourenço atuou como missionário na Boêmia e na Hungria. Em 1599, foi enviado com um grupo de doze frades para ajudar o arcebispo Zbynek Berka von Duba na luta contra o protestantismo em Praga.¹⁸ Ele liderou o grupo e começou a celebrar diariamente na igreja do hospital onde se hospedaram, além de pregar três vezes por semana.¹⁹ Seu profundo conhecimento da Escritura permitia que documentasse amplamente a doutrina católica e acusasse os erros de seus adversários.

As pregações de Lourenço atraíram não só os bons fiéis, mas também “[...] personagens extremamente influentes, como o grão-chanceler do reino da Boêmia.”²⁰ Mesmo alguns protestantes participaram de suas pregações, e Lourenço atacava e refutava com coragem e ímpeto implacável o que encontrava de herético. Por isso, por várias vezes, ele foi agredido pelos hereges de Praga.²¹ Durante esse período, Frei Lourenço fundou um convento naquela cidade e outros dois conventos, um em Viena e outro em Graz.²²

Um dos episódios mais conhecidos a respeito da vida de Lourenço foi a Batalha de Alba Real (hoje Székesfehérvár, Hungria) em 1601, entre os turcos e as forças imperiais católicas da Europa. Motivado pelo arquiduque Matias, Lourenço decidiu liderar “[...] a vanguarda e avançar no meio da luta com a cruz erguida, invocando os nomes de Jesus e de Maria.”²³ Sobre esse dia, testemunhou um confrade seu, Frei Filippo da Soragna:

¹⁸ CARMIGNANO, 1959, p. 50; CARGNONI, 1991, p. 5056.

¹⁹ CARMIGNANO, 1959, p. 55.

²⁰ “[...] *personaggi autorevolissimi, come il gran cancelliere del regno di Boemia.*” (CARMIGNANO, 1959, p. 55, tradução nossa).

²¹ RENGERS, 2014, p. 657-658.

²² CARGNONI, 1991, p. 5077.

²³ “[...] *la vanguardia y avanzar en lo más recio de la refriega con el crucifijo en alto invocando los nombres de Jesús y María.*” (LORENZO DE BRINDIS.

Marial: María de Nazaret, Virgen de la Plenitud. Trad. Agustín G. Sancho e Bernardino de Armellada. Madrid: BAC, 2004. p. XXXII, tradução nossa).

E quando ele via os canhões inimigos disparando, fazia o sinal da cruz no ar com a mesma cruz que carregava em sua mão, e as balas milagrosamente não só não prejudicavam o exército cristão, mas passavam adiante e acima dele sem causar nenhum dano, caindo no chão sem causar danos; e eu ouvi dizer que as mencionadas balas tocaram a sela de seu cavalo sem prejudicar sua pessoa.²⁴

Em Alba Real, cidade próxima de Budapeste, Lourenço encorajou o exército a lutar com fervor e determinação, e mesmo estando em grande desvantagem numérica, os imperiais conseguiram a vitória graças ao apoio e liderança do Doutor Apostólico. Ele parecia invencível e protegido por uma força invisível, mesmo diante dos perigos e das ameaças da guerra.²⁵ Sua presença constante entre os soldados e suas palavras de encorajamento foram fundamentais para manter o ânimo das tropas. Ele inspirou confiança e garantiu a vitória, fazendo com que Alba Real fosse salva naquele ano. Segundo o Papa Clemente VIII: “Este capuchinho, animador espiritual, vale um exército inteiro.”²⁶

Aos 24 de maio de 1602, Lourenço foi eleito vigário geral da Ordem, cargo que desempenhou com sucesso. Em menos de um ano, ele visitou todas as províncias além dos Alpes, conforme havia sido definido pelos frades capitulares. Em seguida, visitou também as províncias italianas, revisitando sua cidade natal e pregando aos conterrâneos.²⁷ Com linguagem envolvente, Arturo de Carmignano assim descreve essa trajetória de Lourenço:

²⁴ “*E lui, quando vedeva sparare l’artiglierie nemiche, faceva nell’aria il segno della santa croce con l’istessa croce che portava in mano, e si vedeano miracolosamente le palle non solo non danneggiare l’essercito cristiano, ma venirne avanti di lui e sopra di lui senza forza alcuna e morire a terra senza far danno alcuno; e io intesi che le predette palle toccorono l’arcione del suo cavallo senza far male alla sua persona.*” (CARGNONI, 1991, p. 5090, tradução nossa).

²⁵ LORENZO DE BRINDIS, 2004, p. XXXII; SANCHO, Agustín Guzmán. **San Lorenzo de Brindis**: Doctor Apostolicus. Villafranca del Biezo: Centro de Propaganda, 1994. p. 27.

²⁶ HUSCENOT, Jean. **Os doutores da Igreja**. São Paulo: Paulus, 1998. p. 318.

²⁷ CARMIGNANO, 1959, p. 68-69.

Depois do que foi dito, não é exagero definir sua jornada pela Europa como uma verdadeira marcha de gigantes. Sempre a pé, no verão e no inverno, sob a chuva e sob o sol escaldante, atravessando rios e pântanos, montanhas e planícies, neve e gelo, sem nunca ter um momento de descanso. Às vezes, ele percorria vinte e cinco, trinta ou até quarenta milhas em um único dia. Somente um obstáculo poderia detê-lo: uma doença ou um ataque violento de dor que o prendesse à cama, talvez reduzindo-o à beira da morte. Mas mesmo assim, logo que se recuperava, ele corajosamente retomava sua jornada. Ele não se preocupava com medicamentos e era difícil convencê-lo a aceitá-los.²⁸

Como geral da Ordem, Lourenço não aceitava distinções ou tratamentos particulares. Ele até mesmo lavava a louça de seus confrades.²⁹ Ele se empenhou em manter e difundir os valores franciscanos em todas as regiões onde a Ordem estava presente. Incentivou a adoção de um estilo de vida austero e de pobreza rigorosa. E, embora fosse capaz de tomar medidas duras e impor punições severas, na maioria das vezes Lourenço preferia agir com compaixão e bondade paterna em relação a todos.

Muito significativo foi seu amor pela Eucaristia, o que era manifesto desde muito jovem. Entretanto, após seu generalato, essa devoção aumentou ainda mais e passou a ser o centro de sua vida espiritual e de toda a sua existência. Seu tempo de celebração, que antes

²⁸ “*Dopo quanto s'è detto, non si esagera a definire la sua marcia attraverso l'Europa come una vera marcia da giganti. Sempre a piedi, d'estate e d'inverno, sotto lo schiaffeggiare della pioggia come sotto la sferza del sole, attraverso fiumi e paludi, monti e pianure, nevi e ghiacci, senza mai un momento di riposo. A volte percorreva, in un solo giorno, venticinque, trenta, quaranta miglia. Solo un ostacolo poteva arrestarlo: la malattia o un attacco violento di dolori che lo inchiodasse a letto, riducendolo magari in fin di vita. Ma anche allora, appena rimessosi in piedi, riprendeva coraggiosamente il cammino. Di medicine non si curava affatto, e difficilmente s'induceva ad accettarle.*” (CARMIGNANO, 1959, p. 70-71, tradução nossa).

²⁹ CARMIGNANO, 1959, p. 71.

não passava de meia hora, passou a ser progressivamente prolongado, chegando a durar até dezesseis horas, como na solenidade do Natal em Gênova, em 1618.³⁰ Para realizar essa devoção, Lourenço obteve do Papa todas as dispensas e indultos necessários, podendo celebrar a missa em qualquer hora da noite e empregar todo o tempo que quisesse, além de sempre rezar a missa de Nossa Senhora, exceto nas principais festas da Igreja.

Outra considerável missão de Lourenço foi a luta contra o protestantismo, que se espalhava rapidamente pela Europa naquela época. Quando chegou a Praga, foi acolhido com demonstrações de alegria pelos católicos, mas logo precisou agir com energia. Começou a denunciar publicamente, sem reticências, o modo indigno das autoridades governarem. Lourenço não poupou críticas àqueles que se mostravam demasiado cautelosos com os hereges.³¹

Em 1607, Lourenço desmoralizou o pregador protestante Policarpo Laiser ao desafiar-lo a ler a Bíblia também nos textos originais.³² Em resposta, Laiser escreveu um opúsculo contra o capuchinho e os jesuítas, mas Lourenço escreveu uma obra chamada *Lutheranismi Hypotyposis*, refutando as teses protestantes. Essa obra apresenta uma objeção ao protestantismo sob três aspectos: histórico, doutrinal e prático. O autor mobilizou a Escritura para um ataque formidável anti-luterano. Infelizmente, o livro não pôde ser publicado no período, porque Frei Lourenço não conseguiu finalizá-lo. Ele ficou guardado nos arquivos até quando os estudiosos começaram a se interessar pela vida e pelos escritos do brindisiano.

Apesar de suas aspirações por paz e recolhimento, Lourenço foi um guerreiro da palavra, lutando contra maus costumes, erros, inimigos da fé e da civilização cristã, e ao lado dos oprimidos pelo triunfo da justiça e do direito. Ele lutou na “[...] arena da caneta para o triunfo da verdade e da Igreja Católica.”³³

Outro ponto alto da trajetória de Lourenço foi a sua eleição, como definidor geral, pela terceira vez no Capítulo Geral de 1613. Ele foi

³⁰ SANCHO, 1994, p. 43-44; CARMIGNANO, 1959, p. 124.

³¹ CARMIGNANO, 1959, p. 77.

³² RENGERS, 2014, p. 666-668; CARMIGNANO, 1959, p. 80-83; SANCHO, 1994, p. 33.

³³ “[...] *arengo della penna per il trionfo della verità e della Chiesa Cattolica.*” (CARMIGNANO, 1959, p. 143).

enviado como visitador da Província da Ligúria e Piemonte, pois a região estava dividida politicamente entre apoiadores da Espanha e da França. Naquele mesmo ano, Frei Lourenço foi eleito vigário provincial de Gênova e, durante seu mandato, impediu que a Província fosse dividida em duas. Outro episódio de destaque ocorreu em 1616, quando foi enviado pela Santa Sé para convencer o espanhol Dom Pedro de Toledo a não avançar sobre Sabóia. No entanto, devido a um ataque dos saboianos contra as tropas espanholas, Lourenço decidiu participar diretamente da luta em favor das tropas de Dom Pedro.³⁴ Em 1618, o santo de Brindes foi enviado a Milão pelo Papa para novamente tratar com Dom Pedro de Toledo e convencê-lo a restituir a praça forte de Vercelli ao duque de Sabóia, tendo obtido sucesso nessa missão. Além disso, ele foi confirmado como definidor geral nesse mesmo ano.³⁵

Não obstante esses acontecimentos favoráveis, Lourenço também enfrentou dificuldades em sua vida. Por diversas vezes, ele teve que lidar com obstáculos políticos e religiosos, como a criação da União Evangélica de Henrique IV de Borbone, calvinista, em 1608, que buscava proteger seus interesses e boicotar a aplicação de decretos imperiais que lhes parecessem prejudiciais.³⁶ Contra isso, o duque da Baviera, Maximiliano, enviou-lhe em missões diplomáticas por duas ocasiões: em 1609, ele viajou para pedir apoio à Liga Católica ao Rei Felipe III da Espanha e, em 1610, foi à Santa Sé para o mesmo fim.³⁷ Esses e outros contatos, fizeram de Maximiliano um grande amigo de Lourenço, a ponto de se aconselhar frequentemente com ele. Certa ocasião, o próprio Maximiliano declarou sobre Lourenço: “Toda a Alemanha e toda a Cristandade devem uma dívida eterna de gratidão ao Fr. Brindes, porque por meio dele foi estabelecida a Liga Católica, da qual, como é evidente, tanto bem resultou.”³⁸

³⁴ SANCHO, 1994, p. 28; CARMIGNANO, 1959, p. 107-108.

³⁵ FREGONA, Antonio. **I frati cappuccini nel primo secolo di vita (1525-1619)**: approccio critico alle fonti storiche, giuridiche e letterarie più importanti. Padova: Mensagero Padova, 2006. p. 174.

³⁶ FREGONA, 2006, p. 173. ORO, José García. **Historia de la Iglesia: Edad Moderna**. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2005. p. 190-191.

³⁷ FREGONA, 2006, p. 173; HUSCENOT, 1998, p. 319.

³⁸ “*All Germany and all Christendom owes an eternal debt of gratitude to Fr. Brindisi, because through him was established the Catholic League from which, as is evident, so much good has ensued.*” (BRENNAN, Anthony. **Life of St.**

O último drama de Lourenço foi seu envio, por parte dos nobres de Nápoles, para a corte de Madrid, em 1619, como um embaixador junto a Felipe III contra o duque de Ossuna, que governava Nápoles, como vice-rei, de forma tirânica e estava envolvido em conflitos com a República de Veneza.³⁹ Dentre os absurdos que o duque fazia era aumentar exageradamente os impostos e violar conventos de monjas.⁴⁰ A situação na cidade era explosiva, com disputas entre nobres e populares incentivadas pelo vice-rei.

Como o rei havia ido a Portugal para a coroação de Felipe IV, Lourenço viajou para Lisboa para apresentar uma denúncia detalhada dos crimes do duque ao rei, na esperança de derrubá-lo. Embora Lourenço tenha sido bem-sucedido em expor os crimes do duque, seus adversários subornaram o rei dos Habsburgos, enviando donativos e solicitando sua recondução ao cargo.

Aos 22 de julho de 1619, no mesmo dia em que completava sessenta anos de idade, o santo de Brindes morreu durante sua jornada de volta para Nápoles e houve suspeitas de envenenamento, sem confirmação médica.⁴¹ Seu corpo foi transportado e sepultado no Mosteiro da Anunciação de Villafranca del Bierzo, na Galícia, onde começaram a acontecer inúmeros milagres. Apesar do apelo de Lourenço para que o rei fizesse justiça aos cidadãos oprimidos, a causa dos napolitanos parecia perdida, mas com o tempo, a justiça prevaleceu.

Logo após seu sepultamento, a fama de santidade de Lourenço aumentou ainda mais, levando ao processo de beatificação em 1624, que foi interrompido em 1634 pelos decretos do Papa Urbano VIII, que impediam “[...] a introdução das causas antes de cinquenta anos da morte dos candidatos à canonização.”⁴² A causa foi retomada em 1724 e, finalmente, em 1783, foi emitida a bula de beatificação. O processo de canonização foi adiado, mas aos 8 de dezembro de 1881, o Papa Leão XIII elevou São Lourenço à suprema glória dos altares.

Além de sua santidade, a vasta e excelente doutrina ortodoxa de São Lourenço foi reconhecida por seus contemporâneos e biógrafos.

Lawrence of Brindisi: Apostle and Diplomat. London: R.& T. Washbourne, 1911. p. 155, tradução nossa).

³⁹ RENGERS, 2014, p. 655; CARMIGNANO, 1959, p. 138.

⁴⁰ SANCHO, 1994, p. 47.

⁴¹ RENGERS, 2014, p. 656.

⁴² CARMIGNANO, 1959, p. 148.

Após muitas tentativas frustradas, em 1926, foi criada uma comissão para editar suas obras, que foram reunidas em dez volumes. A partir disso, surgiu a sugestão de nomeá-lo Doutor da Igreja.⁴³ Uma investigação oficial foi realizada e aos 19 de março de 1959, o Papa João XXIII, mediante a carta apostólica *Celsitudo ex humilitate*, declarou o santo capuchinho como Doutor da Igreja com o título de *Doctor Apostolicus*.⁴⁴ Sua festa litúrgica é celebrada no dia 21 de julho de cada ano.

1.2. O *MARIALE*

Um dos amores de São Lourenço era pela Virgem Maria. Ele atribuía a ela todos os eventos significativos de sua vida, como sua vocação religiosa, cura de enfermidades, sacerdócio, apostolado, aprendizado do hebraico e vitória militar em Alba Real.⁴⁵ Um companheiro seu, Frei João Maria de Monteforte, assim descreveu sua devoção à mãe de Deus:

A devoção que o Padre Brindes sempre teve à Santíssima Virgem era sem fim e tão grande que, para mim, é inexplicável. Pelo que pude observar, seus pensamentos e afetos, depois de Deus nosso Senhor, estavam voltados para a Mãe de Deus. Ela era a alegria e a felicidade de seu coração; ele sempre recorria a ela e com todos que tratava, sempre lembrava da Mãe de Deus, buscando a oportunidade de persuadir cada um a ter devoção à Santíssima Virgem. Ele costumava chamar de abençoados aqueles que eram devotos da Mãe de Deus; e quanto mais envelhecia, mais crescia em devoção e afeição por ela.⁴⁶

⁴³ CARMIGNANO, 1959, p. 150.

⁴⁴ LAWRENCE OF BRINDISI, 2007, p. 13.

⁴⁵ CARMIGNANO, 1959, p. 116-117; RENGERS, 2014, 670.

⁴⁶ “*La divozione che esso padre Brindesi portò sempre alla beatissima Vergine era senza fine e tanto grande che per me la tengo inesplicabile. Per quello io potei osservare, erano lipensieri e affetti di lui, doppo Dio Signor nostro, indrizzati alla Madre di Dio. Questa era l'alegrezza e il gaudio del suo cuore; a questa continuamente ricorrea; e con quanti trattava, a tutti sempre*

São Lourenço também recorria à materna proteção da Virgem nos momentos mais importantes, como após sua eleição como vigário geral ou antes de uma controvérsia importante.⁴⁷ Ele visitava santuários marianos em suas jornadas, mesmo que isso implicasse no prolongamento de suas viagens. Frequentemente utilizava, em suas orações, pregações ou escritos, a jaculatória “*Nos cum prole pia, benedicat Virgo Maria*”,⁴⁸ que pode ser traduzida como *Que a Virgem Maria nos abençoe com seu amado Filho*.

Sua obra mais notável, o *Mariale*, é, na verdade, uma coleção de oitenta e quatro sermões a respeito da Virgem Maria. É, portanto, uma Teologia Mariana escrita em forma de oratória. É um “[...] cântico difuso de louvores parenéticos e exortações emocionadas à piedade mariana.”⁴⁹ É uma obra teológica admirável que pode ser comparada com as de Bernardo e de outros doutores marianos. Segundo Arturo da Carmignano, “[...] o que [o *Mariale*] perde em rigidez sistemática, ganha em genialidade artística, em atrativa amabilidade, em comovente unção.”⁵⁰

O livro está dividido em duas partes: a primeira é dedicada aos louvores e invocações à Virgem Mãe de Deus, enquanto a segunda aborda as festas da bem-aventurada Virgem Maria. A primeira parte inclui sete sermões que retratam Maria como a mulher do Apocalipse, dezesseis sermões sobre a Anunciação, dez sermões sobre a saudação *Ave-Maria*, dez sermões sobre o *Magnificat*, cinco sermões sobre a afirmação *Bendito é o ventre que te gerou*, seis sermões sobre os

rammemorava la Madre di Dio, e cercava l'occasione di persuadere ad ognuno la divozione della beatissima Vergine, e soleva chiamare beati quelli che sono devoti della Madre di Dio; e quanto più invecchiava, tanto più cresceva in questa divozione e affezione.” (CARGNONI, 1991, p. 4965, tradução nossa).

⁴⁷ CARMIGNANO, 1959, p. 118.

⁴⁸ CARGNONI, 1991, 4990; SANCHO, 1994, p. 43.

⁴⁹ “[...] canto diffuso di lodi parenetiche e di commosse esortazioni alla pietà mariana.” (PIAZZA, Adeodato Giovanni. S. Lorenzo da Brindisi: vir apostolicus nel suo e nel nostro tempo. In: MARIA, Clemente. (Org). **S. Lorenzo da Brindisi**: Studi. Coleção Miscellanea Laurentiana. Roma: Seminario di Padova, v. 1. p. 231-245, 1951. p. cit. 242, tradução nossa).

⁵⁰ “[...] *quel che perde in rigidezza sistemática, lo acquista in genialità artistica, in attraente amabilità, in commovente unzione.*” (CARMIGNANO, 1959, p. 121, tradução nossa).

fundamentos de São (Salmo 87) e seis sermões sobre a *Salve Rainha*. Já a segunda parte inclui onze sermões sobre a Conceição Imaculada de Maria, seis sermões sobre a purificação da Virgem, dois sermões sobre a visita de Maria a Isabel, dois sermões sobre a Festa da Virgem das Neves e três sermões sobre a Assunção de Maria ao céu.

Os assuntos e afirmações presentes nesse livro são muito variados. López-Melús, destaca alguns:

[O *Mariale*] Diz, por exemplo: “Maria é mais útil ao mundo que o próprio sol... Maria é o grande tesouro dos bens de Deus. Maria foi o grande prodígio, o grande mistério. Milagre de misericórdia para conosco... milagre de graças e fonte de todas elas... Maria é a Predestinada e escolhida em sumo grau, primeiro e supremo desde toda a eternidade, porque estava destinada a ser a Theotókos, a verdadeira Mãe de Deus...”⁵¹

Em suma, a devoção de São Lourenço e seu amor pela Virgem Maria foram expressos no *Mariale*. Como Doutor da Igreja, suas contribuições para a Mariologia são inestimáveis e válidas para os cristãos da atualidade. Os próximos tópicos aprofundarão um pouco mais sobre a solidez e a completude da Mariologia de São Lourenço.

1.2.1 Mariologia sólida

Segundo Gabriele Roschini, fundador da Faculdade Teológica Marianum de Roma, o *Mariale* apresenta uma Mariologia sólida por ser baseada em dois pilares principais. O primeiro deles é a utilização de elementos sólidos extraídos da Sagrada Escritura e da Tradição. O

⁵¹ “[*El Mariale*] Dice por ejemplo: “*María es más útil al mundo que el mismo sol... María es el gran tesoro de los bienes de Dios. María fue el gran prodigio, el gran misterio. Milagro de misericordia hacia nosotros... milagro de gracias y fuente de toda ella (sic)... María es la Predestinada y elegida en grado sumo, primero y supremo desde toda la eternidad porque estaba destinada a ser la Theotokos, la Madre verdadera de Dios...*” (LÓPEZ-MELÚS, 1989, p. 18, tradução nossa).

segundo é o emprego de princípios marianos sólidos.⁵² Em seu livro *Mariale*, São Lourenço utiliza cerca de quatro mil passagens bíblicas, além de citações de oitenta obras entre Padres e escritores, incluindo Agostinho, Bernardo, Tomás de Aquino, Boaventura e Bernardino de Siena.

O fundamental princípio da Mariologia de São Lourenço é a Maternidade Divina. Segundo o santo, a Maternidade Divina “[...] é a primeira e suprema dignidade da gloriosa Virgem, da qual depende toda a sua honra e glória.”⁵³ É a partir desse princípio que São Lourenço reconhece as demais características de Maria, tais como esposa do Altíssimo, senhora dos anjos, rainha dos santos, soberana do universo, cheia de graça e concebida livre do pecado original. Segundo Roschini, São Lourenço foi o primeiro a se fazer a pergunta fundamental do primeiro princípio de toda a ciência mariana, e o primeiro a resolvê-la satisfatoriamente.⁵⁴

Para o Doutor Apostólico, Maria é a criatura mais elevada e supera em excelência e sublimidade a todos os anjos e homens. Ela foi completamente singular em seus privilégios, graça, glória e culto, e Deus a preparou de maneira idônea para sua eleição. Ademais, São Lourenço pregou que Maria reúne toda a nobreza da Igreja e foi adornada por Deus com todos os dotes e virtudes celestiais. Ele também enfatizou a semelhança de Maria com Cristo em sua predestinação, vocação, justificação e glorificação, e afirmou que para conhecer Maria é preciso olhar para Cristo.⁵⁵ Em resumo, a Mariologia de São Lourenço valoriza a singularidade e a eminência de Maria, sua analogia com Cristo e sua posição única como Mãe de Deus.

⁵² ROSCHINI, Gabriele M. La mariologia di S. Lorenzo da Brindisi. In: MARIA, Clemente. (Org). **S. Lorenzo da Brindisi**: Studi. Coleção Miscellanea Laurentiana. Roma: Seminario di Padova, v. 1. p. 141-180, 1951a. p. cit. 145.

⁵³ “[...] *es la primera y suprema dignidad de la gloriosa Virgen, de la cual depende todo su honor y gloria.*” (LORENZO DE BRINDIS, 2004, p. 515, tradução nossa).

⁵⁴ ROSCHINI, 1951a, p. 147.

⁵⁵ ROSCHINI, 1951a, passim.

1.2.2 Mariologia completa

De acordo com Roschini e Christopher Rengers, o *Mariale* é completo e orgânico, contendo todos os elementos necessários para a construção de um tratado mariológico completo.⁵⁶ De fato, a obra trata da *singularidade* de Maria quanto à sua *missão*, aos seus *privilégios* e ao seu *culto*. Analisemos cada um desses pontos.

Quanto à *singular missão*, em primeiro lugar, São Lourenço, partindo do princípio da analogia, entende que Maria foi predestinada antes de todas as criaturas.⁵⁷ Além disso, para São Lourenço, Maria foi verdadeiramente mãe do Criador e das criaturas no tempo, o que significa que sua missão se cumpriu de maneira concreta e real.⁵⁸ Ainda, Maria teve um papel mediador entre os homens e Cristo, atuando na cooperação com Cristo na oferta do perdão dos pecados, ressurreição do corpo e vida eterna.⁵⁹ Essa missão singular de Maria era tão importante que São Lourenço a chamava de Rainha, demonstrando assim sua grandeza e sua posição privilegiada.

Quanto aos *singulares privilégios*, São Lourenço aponta quatro privilégios singulares que foram conferidos a Maria: Imunidade de Culpa, Plenitude de graça, Virgindade Perpétua e Glorificação.⁶⁰ Em relação ao segundo desses privilégios, ou seja, a plenitude de graça, São Lourenço “[...] atribui à Virgem, desde seu imaculado concebimento, uma plenitude de graça que ultrapassa de maneira incomparável a soma de todas as graças concedidas a toda a família dos eleitos.”⁶¹ Isso porque, o amor pela mãe supera o amor pelos servos. Para São Lourenço, Maria “[...] recebeu do Altíssimo um Coração excelente, um coração que convinha à Mãe de Deus.”⁶² Portanto, Maria é considerada

⁵⁶ ROSCHINI, 1951a, p. 157; RENGERS, 2014, p. 671.

⁵⁷ LORENZO DE BRINDIS, 2004, p. 22; RENGERS, 2014, p. 669.

⁵⁸ ROSCHINI, 1951a, p. 162.

⁵⁹ LORENZO DE BRINDIS, 2004, p. 195.

⁶⁰ ROSCHINI, 1951a, p. 167.

⁶¹ “[...] attribuisce alla Vergine, fin dal suo immacolato concepimento, una tale pienezza di grazia da sorpassare incomparabilmente la somma delle grazie concesse a tutta la intera famiglia degli Eletti.” (ROSCHINI, 1951a, p. 168, tradução nossa).

⁶² “[...] ricevette dall’Altissimo un Cuore eccellente, un cuore che conveniva alla Madre di Dio.” (ROSCHINI, 1951a, p. 168, tradução nossa).

a mais agraciada das criaturas e um exemplo de perfeição na vida cristã. Os outros três privilégios – Imunidade de Culpa, Virgindade Perpétua e Glorificação – serão tratados nos próximos capítulos, na exposição sobre os dogmas.

Quanto ao singular *culto* a Maria, São Lourenço ensina que deve ser caracterizado pela hiperdulia, abdicando tanto da adoração excessiva dos coliridianos, quanto da ignorância dos protestantes, que lhe negavam qualquer forma de veneração.⁶³ São Lourenço também destaca os três atos que constituem ou integram o culto mariano: “[...] a veneração, a invocação e a imitação.”⁶⁴ Ainda, ele defende a legitimidade do culto mariano, a partir da própria afirmação de Maria a Santa Isabel de que as gerações a chamariam de bem-aventurada.⁶⁵ Por fim, o Doutor Apostólico apresenta a utilidade do culto mariano, como um sinal da predestinação à glória celestial. Embora São Lourenço não tenha explicitado a necessidade de cultuar Maria para alcançar a salvação, ele faz referência a Bernardo para destacar a importância da devoção a Maria para ser salvo.⁶⁶

Em suma, podemos afirmar que o *Mariale*, escrito por São Lourenço, oferece uma visão abrangente da Mariologia. Maurício de Bergoña afirma: “Não haverá tema mariano que não seja tratado nos escritos de São Lourenço.”⁶⁷ Como foi visto acima, o autor discorre sobre a missão, os privilégios e o culto a Maria, abarcando todos os aspectos importantes relacionados à mãe de Deus, embora não de forma sistemática. O próprio Papa João XXIII, ensinou que o *Mariale* “[...] abrange toda a doutrina sobre a Virgem Maria.”⁶⁸ Vale ressaltar que isso

⁶³ LORENZO DE BRINDIS, 2004, p. 266.341.

⁶⁴ “[...] *la venerazione, la invocazione e l'imitazione.*” (ROSCHINI, 1951a, p. 172, tradução nossa).

⁶⁵ ROSCHINI, 1951a, p. 174.

⁶⁶ LORENZO DE BRINDIS, 2004, p. 191.

⁶⁷ “*Apenas habrá tema mariano que no esté tratado en los escritos de San Lorenzo.*” (BERGOÑA, Maurício de. **San Lorenzo de Brindis**: vida, personalidad y obras. Madrid: Gráficas Unidas, 1950. p. 53)

⁶⁸ “[...] *appellatur, totam doctrinam de Alma complectens Deipara.*” (JOÃO XXIII. **Carta apostólica *Celsitudo ex Humilitate***. Roma, 1959. Não paginado. Tradução nossa. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/john-xxiii/la/apost_letters/1959/documents/hf_j-xxiii_apl_19590319_celsitudo-humilitate.html>. Acesso em: 6 out. 2022, grifo do autor).

não significa que a Mariologia se esgote nessa obra, mas sim que ela é suficiente para atender aos objetivos de seu estudo. O *Mariale* é uma obra completa e capaz de oferecer informações essenciais sobre a Mariologia. É uma “[...] fonte de inspiração para pregadores e de prazer para amantes de Maria.”⁶⁹

Precisamente nessa coleção de sermões é que se encontra interposta a dogmática mariana de São Lourenço. Para os quatro dogmas marianos, existem sermões inteiros. Antes mesmo de a Igreja promulgar os dogmas da Imaculada Conceição e da Assunção, São Lourenço já havia pregado e escrito sobre eles. Tal adiantamento desvela a grandeza intelectual desse santo bem como sua ousadia.

⁶⁹ “[...] *a source of inspiration for preachers and of delight for lovers of Mary.*” (RENGERS, 2014, p. 671, tradução nossa).

2 OS DOGMAS MARIANOS ANTIGOS

Os dogmas marianos atualmente defendidos pela Igreja são quatro: Maternidade Divina, Virgindade Perpétua, Imaculada Conceição e Assunção ao céu. Os dois primeiros foram declarados no Oriente, nos primeiros séculos da era cristã, antes do Cisma do Oriente, por decisão de concílios, contra hereges e com clara base bíblica. Já os outros dois foram declarados no Ocidente, nos dois últimos séculos, após a ruptura de 1054, por decisão de papas, contra algumas ideias do tempo e com presumida base na Tradição Apostólica.¹

Embora sejam hoje considerados alguns dos pilares fundamentais da fé católica, os dogmas foram progressivamente elaborados e sistematizados ao longo dos séculos. Por isso, é relevante apresentar brevemente a origem das verdades de fé relacionadas à Virgem Maria, a fim de posteriormente situar a Mariologia de São Lourenço de Brindes na história e compreender seus alcances e relevância. Neste capítulo, serão apresentados os dois primeiros dogmas marianos – também podem ser chamados de dogmas marianos antigos – e no capítulo terceiro, os dois modernos.

2.1 HISTÓRIA DO DOGMA DA THEOTÓKOS

O primeiro dogma mariano a ser oficialmente definido foi o da *Theotókos*, isto é, de que Maria é verdadeiramente mãe de Deus. Essa afirmação foi um dos efeitos do desenvolvimento da Cristologia. Com a afirmação simultânea, por parte da Igreja, da natureza divina e humana de Jesus, a Teologia precisou ocupar-se também da Mãe de Jesus, desenvolvendo uma Mariologia. O conteúdo dessa nova forma de teologizar estava vinculado às controvérsias cristológicas, pois a compreensão da função de Maria em relação a Jesus dependia do entendimento de um aspecto ou outro da natureza paradoxal de Jesus.

Segundo José Cristo R. G. Paredes, “Crer na encarnação do Filho de Deus não foi fácil.”² Isso porque os ebionitas negavam a concepção e

¹ BOFF, Clodovis M. **Dogmas marianos**: síntese catequético-pastoral. São Paulo: Ave-Maria, 2010. p. 8.

² PAREDES, José C. R. G. **Mariologia**: síntese bíblica, histórica e sistemática. São Paulo: Ave-Maria, 2011. p. 236.

o parto virginais, e os gnósticos negavam a encarnação do Filho de Deus no seio de Maria. Defender a Maternidade de Maria tornou-se, portanto, um “[...] pressuposto necessário da redenção.”³ Negá-la significava acusar Deus de incoerência, conforme ensinou Irineu.⁴ A Maternidade de Maria também foi vista como “[...] o meio que Deus escolheu para abaixar-se até nós, para sua kenosis.”⁵

No século IV, foi realizado o I Concílio de Niceia, com o qual foi afirmada a divindade de Cristo e sua consubstancialidade com o Pai, mas ficou em aberto a questão sobre como se dá a relação entre o humano e o divino em Jesus.⁶ O debate ganhou força durante as controvérsias arianas, com o emprego da expressão *communicatio idiomatum* por Atanásio.⁷ Apolinário de Laodiceia, amigo de Atanásio e inimigo do arianismo, diluiu a humanidade de Jesus em favor da divindade, chegando a afirmar que Jesus não tinha alma humana.⁸ Em reação ao apolinarismo, o debate passou a se concentrar na humanidade de Jesus, como exemplificado por Gregório Nazianzeno.⁹

A controvérsia chegou ao auge no Concílio de Éfeso, realizado em 431, quando o conceito de *Theotókos* (Θεοτόκος), que designa Maria como a parturiente de Deus, foi questionado. Nestório, então Patriarca de Constantinopla, recusando a comunicação de idiomas, defendeu que Maria era apenas a mãe de Cristo (Χριστοτόκος), mas não a mãe de Deus.¹⁰ Ele pregava que a natureza divina não podia ser gerada. Os

³ PAREDES, 2011, p. 237.

⁴ IRINEU DE LIÃO. **Contra as heresias**: denúncia e refutação da falsa gnose. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1995. p. 349-350; AH III, 22,1-2.

⁵ PAREDES, 2011, p. 238.

⁶ DENZINGER, Henrici. **Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral da Igreja católica**. São Paulo: Loyola, 2006. p. 615; DH 125; FELLER, Vitor G. **Jesus de Nazaré: homem que é Deus**. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 60.

⁷ COELHO, Paulo H. de G. **A divindade do Espírito Santo como princípio de Vida divina na vida humana**. 172 p. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014. p. 125.

⁸ DROBNER, Hubertus R. **Manual de Patrologia**. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 275.

⁹ GREGÓRIO NAZIANZENO *apud* FIORES, Stefano de; MEO, Salvatore. **Dicionário de Mariologia**. São Paulo: Paulus, 1995. p. 1017.

¹⁰ PAREDES, 2011, p. 239.

defensores da Maternidade Divina, por outro lado, argumentaram que Maria é a mãe de Jesus, que é Deus e um só em sua pessoa. O título de Mãe de Deus não implica que ela seja a mãe da divindade, mas sim a mãe do Verbo encarnado, que é Deus. O Concílio de Éfeso, seguindo o parecer de Cirilo de Alexandria, rejeitou a posição de Nestório, excomungou-o e declarou o título de Mãe de Deus como uma doutrina cristã válida.¹¹ Vinte anos mais tarde, o Concílio de Calcedônia ensina que Maria é a mãe de Deus segundo a humanidade.¹² Com isso, ele esclareceu que Maria não é a mãe da Santíssima Trindade, mas do Filho de Deus encarnado.

Há poucas décadas, o Concílio Vaticano II enfatizou a dimensão soteriológica da Maternidade Divina de Maria, destacando sua missão materna como um dom e uma dignidade. Além disso, enfatizou o consentimento e a entrega total de Maria a Cristo. O concílio também estabeleceu uma relação entre Maria e a Igreja, afirmando que ela é figura da Igreja em sua maternidade e também uma servidora do mundo e da humanidade.¹³ No entanto, críticas da teologia feminista questionam a idealização da maternidade de Maria, destacando a importância de reconhecê-la como mulher concreta, valorizando o corpo feminino e acentuando a preferência de Deus pelos marginalizados. Essa reflexão desafia a ênfase excessiva na maternidade e destaca a importância do discipulado e dos vínculos na comunidade messiânica.¹⁴ A teologia feminista busca uma compreensão mais inclusiva e empoderadora da figura de Maria, que vai além dos estereótipos e divisões de gênero.

¹¹ SESBOÛE, Bernard; BOURGEOIS, Henri; TIHON, Paul. **História dos dogmas: os sinais da salvação**. São Paulo: Loyola, 2013. p. 482-483; DH 264.

¹² MURAD, Afonso T. **Maria, toda de Deus e tão humana**: compêndio de mariologia. São Paulo: Paulinas; Aparecida: Santuário, 2012. p. 138; DH 301.

¹³ CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. Constituição Dogmática *Lumen Gentium*. In: COSTA, Lourenço (Coord.). **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II**. São Paulo: Paulus, 2012. p. 179-192. p. cit. 180; LG 53.

¹⁴ TEMPORELLI, Clara. **Maria, mulher de Deus e dos pobres**: releitura dos dogmas marianos. São Paulo: Paulus, 2010. p. 57-69.

2.2 A MÃE DO VERBO CRIADOR

Em sua obra *Mariale*, São Lourenço tratou diretamente da Maternidade Divina de Maria, qualificando-a como algo inquestionável.¹⁵ Ele pregou que Nossa Senhora é “Verdadeira Esposa e verdadeira Mãe de Deus.”¹⁶ Em seus escritos, ele enfatiza a pureza, humildade e importância de Maria como a mulher mais importante da Sagrada Escritura, sendo uma escolha perfeita para ser a mãe de Deus.

Na Sagrada Escritura, muitas e grandes mulheres são elogiadas por diversas razões: algumas por sua beleza e graça, como Sara (cf. Gn 12,10), Rebeca (Gn 24,16), Raquel (Gn 29,17), Betsabé (cf. 2Sm 11,2) e Ester (cf. Est 2,7); outras, por sua prudência e sabedoria, como Abigail, que acalmou a ira de Davi (cf. 1Sam 25,23-31), a mulher Tecuita que resgatou Absalão do exílio (2Sm 14,1-21), a mulher sábia da cidade de Abel-Bet-Maaca (Campo de Casa Maaca) que fez com que Seba fosse morto para salvar a cidade (cf. 2Sm 20,16-22). Outras são elogiadas pela força de espírito, como Jael (cf. Jz 4,17-22) e Judite (cf. Jt 13,1-12); outras pela santidade de vida e pelo espírito de profecia, como a profetisa Débora (cf. Jz 4,4-10), Ana, mãe de Samuel (cf. 1Sm 2,1-10) e a profetisa Hulda (cf. 2Rs 22,14-20; 2Cr 34,22-28). Mas Maria é elogiada sem reservas em todos os aspectos: *Ave, cheia de graça*, imune a qualquer defeito da alma ou do corpo; *bendita entre as mulheres*, porque é Virgem puríssima, formada pela mão de Deus como Eva no paraíso, mas nunca enganada pela serpente.¹⁷

¹⁵ LORENZO DE BRINDIS, 2004, p. 326.

¹⁶ “*Verdadera esposa y verdadera madre de Dios*” (LORENZO DE BRINDIS, 2004, p. 144, tradução nossa).

¹⁷ “*En la Sagrada Escritura, son muchas y grandes las mujeres alabadas por diversas razones: algunas por su belleza y gracia, como Sara (cf. Gén 12,10), Rebeca (Gén 24,16), Raquel (Gén 29,17), Betsabé (cf. 2 Sam 11,2) y Ester (cf. Est 2,7); otras, por su prudencia y sabiduría, como Abigail, que aplacó la ira de David (cf. 1 Sam 25,23-31), la mujer Tecuita que libró a Absalón del*

Segundo o capuchinho, Maria possui uma dupla Maternidade: a natural em relação ao Criador e a sobrenatural em relação às criaturas.¹⁸ Essa dupla Maternidade é fundamentada em elementos teológicos que abrangem tanto a doutrina como a tradição. O teólogo expõe “[...] rapidamente os *erro*s, *provas* e *consequências* incalculáveis da Maternidade Divina, e as várias questões relacionadas a ela.”¹⁹

Em relação aos *erro*s, São Lourenço destaca que o demônio se opõe à Maternidade Divina de Maria, porque “[...] essa fé quebra e tritura sua cabeça.”²⁰ Para ele, o demônio levou homens malvados a negarem a Maternidade Divina, seja indiretamente, negando a verdadeira humanidade ou a verdadeira divindade de Cristo, ou diretamente, negando a união das duas naturezas na única pessoa de Cristo. Ele cita “[...] os cerdonianos, ebionitas, valentinianos, apolinaristas, maniqueístas, coliridianos, nestorianos, eutiquianos, iconoclastas e também os arianos [...]”.²¹ No entanto, todos esses ataques se chocam com o ensinamento do Magistério Eclesiástico, as Sagradas Escrituras e a Tradição.²² Para São Lourenço, Jesus foi gerado

destierro (2 Sam 14,1-21), la mujer sabia de la ciudad de Abel-Bet-Maaká (Prado de Casa Maacá) que hizo dar muerte a Seba a fin de salvar a la ciudad (cf. 2 Sam 20,16-22). Otras son alabadas por la fortaleza de ánimo, como Yael (cf. Jue 4,17-22) y Judit (cf. Jdt 13,1-12); otras por la santidad de vida y por el espíritu de profecía, como la profetisa Débora (cf. Jue 4,4-10), Ana, madre de Samuel (cf. 1 Sam 2,1-10) y la profetisa Julda (cf. 2 Re 22,14-20; 2 Par 34,22-28). Pero María es alabada sin reserva por todos los conceptos: Salve, llena de gracia, inmune de cualquier defecto del alma o del cuerpo; bendita entre las mujeres, porque es Virgen purísima, formada por la mano de Dios como Eva en el paraíso, pero nunca engañada por la serpiente.” (LORENZO DE BRINDIS, 2004, p. 134, tradução nossa, grifos do autor).

¹⁸ ROSCHINI, Gabriele M. **La mariologia di S. Lorenzo da Brindisi**. Coleção Miscellanea Laurentiana. Roma: Seminario di Padova, v. 2, 1951b. p. 89.

¹⁹ “[...] rapidamente gli errori, le prove e le incalcolabili conseguenze della maternità divina, e le varie questioni connesse con la medesima.” (ROSCHINI, 1951b, p. 89, tradução nossa, grifos nossos).

²⁰ “[...] esta fe quiebra y tritura su cabeza.” (LORENZO DE BRINDIS, 2004, p. 247).

²¹ “[...] los cerdonianos, ebionitas, valentinianos, apolinaristas, maniqueos, coliridianos, nestorianos, eutiquianos, iconoclastas, y también los arianos [...]” (LORENZO DE BRINDIS, 2004, p. 245-246, tradução nossa).

²² ROSCHINI, 1951b, p. 90.

inteiro no seio de Maria e não somente em sua dimensão humana.²³ Se Maria fosse apenas a Mãe de Cristo, então a fé cristã deveria compreender o Cristo como uma pessoa com duas personalidades, perfeitamente separáveis.

Um dos erros detalhados por São Lourenço foi o do nestorianismo, conforme apresentado a seguir:

O ímpio Nestório tentou arrancar essa dignidade da Santíssima Virgem, afirmando que ela não poderia ter sido *Theotókos*, ou seja, a progenitora de Deus, porque em nenhum lugar da Escritura ela é chamada de Mãe de Deus. Ela teria sido apenas a Mãe de Cristo, já que muitas vezes é chamada de Mãe de Jesus e Mãe de Cristo.²⁴

Quanto às *provas* da Maternidade Divina de Maria, São Lourenço apresenta três.

A primeira prova da Maternidade Divina é deduzida pelo Magistério Eclesiástico, que, fundamentado na Escritura e na Tradição, definiu solenemente, especialmente no Concílio de Éfeso em 431, a Maternidade Divina de Maria.²⁵

A segunda prova, deduzida das Escrituras Sagradas, inclui passagens de Is 7,14 e de Lc 1,35.43.²⁶ A terceira prova é deduzida da Tradição, que sempre celebrou a Virgem Santíssima como a verdadeira

²³ LORENZO DE BRINDIS, 2004, p. 325-326.

²⁴ “*El impío Nestorio intentó arrebatarse esta dignidad a la Santísima Virgen, afirmando que ella no había podido ser Theotócos, es decir genitora de Dios, porque en ninguna parte de la Escritura se la llama Madre de Dios. Habría sido sólo Madre de Cristo, puesto que se la llama muchas veces Madre de Jesús y Madre de Cristo.*” (LORENZO DE BRINDIS, 2004, p. 324-325, grifo do autor, tradução nossa).

²⁵ “*La prima prova della maternità divina viene desunta dal Magistero Ecclesiastico il quale, fondato nella Scrittura e nella Tradizione, ha solennemente definito, specialmente nel Concilio di Efeso del 431, la divina maternità di Maria.*” (ROSCHINI, 1951b, p. 90, tradução nossa).

²⁶ ROSCHINI, 1951b, p. 90-91.

Mãe de Deus. Em conformidade com a dogmática católica, São Lourenço destaca que, se Maria é a mãe de Cristo e Cristo é Deus, então Maria é a Mãe de Deus. Dada a identidade da pessoa em Cristo, os dois termos *Mãe de Cristo* e *Mãe de Deus* são perfeitamente sinônimos e equivalentes.²⁷

As *consequências* da maternidade divina de Maria, para São Lourenço, são sua singular excelência e incomparável dignidade.²⁸ É o fundamento de seus privilégios singulares e a mais suprema entre todas as dignidades. Sua grandeza é um mistério incompreensível, ultrapassando a capacidade humana. Não pode haver uma mãe maior, pois não se pode gerar um filho maior. A dignidade transcendente que Maria recebe da maternidade divina é tão extraordinária que Deus a celebra com admiração, revelando que somente Ele é capaz de louvá-la como ela merece.²⁹

Talvez a maior contribuição laurenciana seja a do primado da Maternidade Divina entre os louvores remetidos a Nossa Senhora.

São Lourenço de Brindes explicou mais claramente do que qualquer escritor antes dele o princípio fundamental da Mariologia, que é a Maternidade Divina. Todos os privilégios, ofícios e glória de Nossa Senhora estão relacionados ao fato único de ela ser a Mãe de Deus. São Lourenço via Cristo e Maria como inseparáveis nos planos de Deus. Portanto, Nossa Senhora é em todos os aspectos semelhante a Nosso Senhor. Cristo e Maria são considerados um par para assegurar a Redenção, como Adão e Eva o foram na queda do homem.³⁰

²⁷ ROSCHINI, 1951b, p. 92.

²⁸ LORENZO DE BRINDIS, 2004, p. 38.

²⁹ LORENZO DE BRINDIS, 2004, p. 401.

³⁰ “*St. Lawrence of Brindisi explained more clearly than any writer before him the fundamental principle of Mariology, which is the divine maternity. All of Our Lady’s privileges, offices and Glory are related to the unique fact she is the Mother of God.*” (RENGERS, 2014, p. 565-566, tradução nossa).

Ele ensinou que foi por sua humildade que Maria foi considerada digna de ser a mãe de Deus.³¹ Mesmo depois de conceber o Verbo divino e ser declarada mãe de Jesus, Maria continuou humilde e se colocou como serva do Senhor. O autor considerou a seleção de Maria por Deus como um sinal de sua grandeza e exaltou seu papel como mãe de Jesus, o Salvador do mundo. Considerou também o papel maternal de Maria como fonte de alegria e enfatizou sua importância para a salvação da humanidade.³² Além disso, ele afirmou que Maria é a verdadeira mãe de Cristo não só em relação à carne, mas também ao espírito. Ou seja, ela não apenas deu à luz o filho de Deus, mas também o criou e o acompanhou em sua missão divina na terra.³³ Com efeito, Cristo amou sua mãe como a melhor mãe e Maria amou Jesus como um filho muito amado, sendo uma só alma e coração em dois corpos. Maria era uma mãe carinhosa, enquanto Cristo era um filho amoroso.³⁴ Por fim, por ter sido a única criatura escolhida para ser a mãe de Deus, Maria desempenha uma missão singular no mistério de Cristo e da Igreja.

2.3 A MÃE DAS CRIATURAS

Partindo do pressuposto de que Maria é a verdadeira mãe de Cristo, São Lourenço de Brindes ensina que ela também é a verdadeira mãe espiritual de todos os cristãos, que são partes místicas de Cristo. Todos os fiéis são partes de Cristo em ato e, portanto, são filhos de Maria, enquanto os infiéis são apenas em potencial, aguardando o batismo.³⁵ Maria transborda “[...] de amor materno por todos os fiéis de Cristo [...]”³⁶ e é mãe tão comum a todos e de cada um dos indivíduos. Cada fiel “[...] poderá desfrutar de todo o seu amor como se fosse seu único filho [...]”,³⁷ se se entregar de todo coração à Virgem.

³¹ LORENZO DE BRINDIS, 2004, p. 297-298.

³² LORENZO DE BRINDIS, 2004, p. 228.

³³ LORENZO DE BRINDIS, 2004, p. 323.

³⁴ LORENZO DE BRINDIS, 2004, p. 250.

³⁵ ROSCHINI, 1951b, p. 96.

³⁶ “[...] de amor materno para todos los fieles de Cristo [...]” (LORENZO DE BRINDIS, 2004, p. 18, tradução nossa).

³⁷ “[...] potrà godere di tutto il suo amore come se fosse il suo unico figlio [...]” (ROSCHINI, 1951b, p. 97, tradução nossa).

São Lourenço também encontra outro argumento em favor da Maternidade de graça de Maria nas palavras de Cristo morrendo: *Mulher, eis teu filho! Filho, eis a tua mãe!*³⁸ Nessa proclamação, Cristo criou em Maria “[...] entranhas maternas em relação a João [...]”³⁹ e a todos aqueles que ele representava. Maria “[...] foi constituída nossa Mãe quando se tornou Mãe de Cristo [...]”,⁴⁰ e Cristo a apresentou como nossa mãe na cruz.

A Maternidade de Maria é tão importante que é considerada como parte da ordem sobrenatural, porque ela é mãe de todas as criaturas em potencial, se não sempre atual. Sua Maternidade espiritual é baseada na incorporação de todas as criaturas em Cristo Cabeça, como suas místicas partes, porque a mãe da Cabeça é também mãe das partes. Isso mostra a importância da figura de Maria não apenas para a Teologia católica, mas para a vida de todos os fiéis, que podem encontrar nela uma mãe amorosa e uma intercessora fiel diante de Deus.

Essa Maternidade de Maria é tão profunda e universal que São Lourenço a compara com Eva, que foi a mãe de todos os viventes.⁴¹ Maria é a mãe de todos os cristãos que são verdadeiramente fiéis e verdadeiras partes de Cristo. Assim, ela é mãe de todos os fiéis que se entregam de todo coração a ela, e cada um pode desfrutar de todo o seu amor como se fosse seu único filho.

2.4 HISTÓRIA DO DOGMA DA VIRGINDADE PERPÉTUA

A crença na concepção virginal de Jesus é um elemento importante da fé cristã, e tem sido mantida pela Igreja ao longo dos séculos. Para muitos, como Orígenes, a Virgindade de Maria é essencial para a santidade necessária daqueles que têm a missão de trazer a salvação ao mundo.⁴² Inácio de Antioquia, em sua *Carta aos Efésios*, refletindo sobre a unidade paradoxal entre o humano e o divino em Jesus, destacou que a Virgindade de Maria, assim como seu parto e a

³⁸ BÍBLIA de Jerusalém. Rev. e amp. São Paulo: Paulus, 2012; Jo 19, 26.

³⁹ “[...] *entrañas maternas para com Juan [...]*” (LORENZO DE BRINDIS, 2004, p. 261, tradução nossa).

⁴⁰ “[...] *fu constituita Madre nostra allorchè divenne Madre di Cristo [...]*” (ROSCHINI, 1951b, p. 99, tradução nossa).

⁴¹ LORENZO DE BRINDIS, 2004, p. 12.

⁴² PAREDES, 2011, p. 221.

morte de Jesus, foram “[...] mistérios retumbantes, que foram realizados no silêncio de Deus.”⁴³. Esses mistérios permanecem ocultos ao príncipe deste mundo, Satanás, e são considerados pelos cristãos como mistérios clamorosos que revelam o mistério de Deus.

Para Inácio, a Virgindade de Maria não é um estado ou privilégio de Maria, mas um mistério de Cristo.⁴⁴ Através da Virgindade, Maria pertence a Cristo de uma forma única e especial. Nesse sentido, a Virgindade de Maria é, primeiramente, uma confissão cristológica. Ela é uma parte essencial da fé cristã e afeta a devoção dos cristãos de modo intenso.

Irineu acreditava que Jesus e Adão tinham em comum suas origens virginais. Para que a realidade de Adão passasse para Cristo, era necessário que Maria fosse autêntica, verdadeira mãe, dando origem a um homem autêntico.⁴⁵ Irineu afirmava que, assim como Adão foi criado a partir da terra virgem, Jesus nasceu de Maria, que também era virgem.⁴⁶ Tertuliano também abordou a Virgindade de Maria, questionando por que o Filho de Deus tinha que nascer de uma virgem. Sua resposta foi que Jesus precisava nascer de uma nova forma, sem a antiga semente corrompida.⁴⁷ Ambos os autores concordavam que a Virgindade de Maria era essencial para a encarnação de Cristo e para a redenção da humanidade.

Quanto à Virgindade de Maria antes do parto (*ante partum*), sempre houve unanimidade, pois a esse respeito a Sagrada Escritura não deixa dúvidas.⁴⁸ Contudo a aceitação da Virgindade durante e após o parto foi fruto de grande discussão teológica e ainda o é. A fé na Virgindade de Maria no momento do parto (*in partu*) se desenvolveu a partir do Protoevangelho de Tiago e foi aceita por muitos Padres da Igreja dos séculos III, IV e V, como Atanásio, Ambrósio e Agostinho. No entanto, alguns Padres, como Tertuliano e Orígenes, se opuseram a

⁴³ INÁCIO DE ANTIOQUIA. Carta aos Efésios. In: Coleção Patrística: **Padres Apostólicos**. São Paulo: Paulus, 1997. p. 84-88. Ephes 7.19. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 437-572. p. cit. 472-473; XII,1.

⁴⁴ SESBOÛE, 2013, p. 474.

⁴⁵ PAREDES, 2011, p. 223.

⁴⁶ IRINEU DE LIÃO. **Demonstração da pregação apostólica**. São Paulo: Paulus, 2014. p. 94-95. *Demonstratio* 32.

⁴⁷ TERTULIANO *apud* PAREDES, 2011, p. 224.

⁴⁸ Mt 1,18; Lc 1,26-38.

essa ideia, argumentando que Maria foi virgem apenas antes do parto, não no momento em que deu à luz.⁴⁹ Tertuliano afirmou que o homem que nasceu de Maria abriu seu seio, eliminando sua Virgindade. Orígenes, por sua vez, recusou a doutrina da integridade física de Maria no parto para evitar a opinião doceta, que negava que Cristo havia se encarnado adequadamente. Epifânio de Salamina, embora defendesse a autenticidade do parto de Maria, sem desonra, imaculado e sem contaminação, argumentou “[...] que a luta contra o docetismo não exige vulgarizar o parto de Jesus até tais extremos que de certa forma neguem sua origem transcendente.”⁵⁰ A Virgindade de Maria *in partu* foi proposta oficialmente como doutrina de fé da Igreja somente no século IV, nos sínodos de Milão e de Roma.⁵¹ Assim foi o desenvolvimento desse artigo de fé tão polêmico.

Quanto à Virgindade após o parto, o Protoevangelho de Tiago explicou que Maria não teve mais filhos e que os chamados irmãos de Jesus eram filhos de um matrimônio anterior de José.⁵² “Para os Padres que afirmavam a *virginitas in partu*, teria sido totalmente ilógico que o seio de Maria não permanecesse inviolado durante sua posterior vida matrimonial.”⁵³ Epifânio e Basílio defenderam a perpétua Virgindade de Maria, mas reconheceram que a Escritura não possui “[...] argumentos para provar apoditicamente a Virgindade *post partum* [...]”.⁵⁴ O verdadeiro argumento para Basílio estava no sentir dos fiéis (*sensus fidelium*). Gregório de Nissa explicou que a decisão de Maria de manter

⁴⁹ PAREDES, 2011, p. 228-229.

⁵⁰ PAREDES, 2011, p. 229.

⁵¹ PAREDES, 2011, p. 229.

⁵² Conforme sustentado por Alexis M. Lépicier, a existência de uma esposa ou descendentes prévios a seu casamento com Maria é negada a São José. A suposição de um matrimônio anterior de São José é objeto de controvérsia entre teólogos católicos. Notáveis Padres da Igreja e escritores medievais fizeram a defesa da castidade de José. Aqueles denominados *irmãos de Jesus* mencionados no Evangelho de Mateus não se originam de Maria nem de José, mas presumivelmente constituem primos de Jesus, haja vista que a palavra *irmãos* era empregada naquela época para designar também parentes próximos. (LÉPICIER, Alexis M. **São José**: esposo da Santíssima Virgem Maria. Campinas: Ecclesiae, 2014. p. 221-227).

⁵³ PAREDES, 2011, p. 233.

⁵⁴ PAREDES, 2011, p. 233, grifo do autor.

sua Virgindade “[...] estava em continuidade com a decisão de Ana e Joaquim que a consagraram a Deus.”⁵⁵ Agostinho também apoiou essa ideia, falando explicitamente de um *propositum* de Virgindade de Maria em seus escritos. Mas a afirmação mais nítida da Virgindade perpétua de Maria se encontra no Concílio de Constantinopla II, em 553:

Se alguém não confessa que dois são os nascimentos do Verbo de Deus, um pelo Pai, antes dos séculos, fora do tempo e incorporal, o outro, nestes nossos últimos tempos, quando ele desceu dos céus e se encarnou da santa e gloriosa deípara e *sempre virgem* Maria e dela nasceu, seja anátema.⁵⁶

Mas o pronunciamento magisterial que, de fato, explicitou as expressões *ante partum*, *in partu* e *post partum* foi a da Constituição *Cum quorundam hominum*, publicada pelo Papa Paulo IV, em 1555, contra a seita dos unitários.⁵⁷

A atual discussão em torno do dogma da virgindade perpétua de Maria enfrenta questionamentos à interpretação tradicional desses eventos. Surgiram, antes e após o Concílio Vaticano II, vozes que contestaram a virgindade de Maria no parto, argumentando que a ausência de dores e a preservação do hímen não são essenciais para a virgindade.⁵⁸ Essas discussões foram abordadas durante o Concílio Vaticano II, resultando em formulações teológicas que afirmam a virgindade de Maria sem diminuir sua integridade corporal. O debate se estendeu além do concílio, com estudos de teólogos católicos e protestantes se multiplicando. Alguns defendem a interpretação tradicional, enquanto outros a consideram uma expressão teológica em forma narrativa. A discussão envolve questões bíblicas, teológicas e culturais, refletindo as tensões entre a tradição religiosa e os avanços científicos e culturais da sociedade atual. No entanto, a virgindade de Maria vai além do aspecto genital ou sexual e deve ser compreendida como um mistério teológico que revela o projeto de Deus para a

⁵⁵ PAREDES, 2011, p. 234.

⁵⁶ DH 422, grifo nosso.

⁵⁷ DH 1880.

⁵⁸ TEMPORELLI, 2010, p. 104.

humanidade.⁵⁹ Ela representa a abertura ao amor, a disponibilidade para os planos divinos e a capacidade de gerar vida divina, independentemente do estado de vida.

2.5 A VIRGINDADE DE MARIA PARA SÃO LOURENÇO

São Lourenço defendeu com fervor a perpétua Virgindade de Maria, em meio às acusações de alguns hereges: “[Maria permaneceu] sempre virgem, antes, durante e depois do parto.”⁶⁰ Embora o santo não tenha abordado o assunto com muita profundidade, ele menciona os *erros* dos hereges, como Cerinto, Ebion, Gioviniano e Calvino, que negaram a Virgindade de Maria, e apresenta várias provas da tese católica.⁶¹ Chega inclusive a associar Calvino à loucura por desconsiderar que a Igreja louva a Virgindade Perpétua em Maria: “Que cabeça tão louca, esse Calvino!”⁶²

As *provas* laurencianas da perpétua Virgindade de Maria são deduzidas “[...] tanto do Antigo quanto do Novo Testamento.”⁶³ Do Antigo Testamento, o capuchinho acredita que a primeira profecia do milagre de uma Virgem-Mãe está contida em Gênesis 3,15 e usa similitudes graciosas para expressar o parto virginal. No Novo Testamento, ele argumenta a partir da pergunta feita por Maria ao anjo na Anunciação, e conclui que Maria demonstrava ser virgem de corpo e espírito, tendo feito um voto de Virgindade antes de seu casamento com São José.⁶⁴ Se ela quisesse até poderia ter consumido seu matrimônio com o esposo, mas não o fez.⁶⁵

O doutor afirma que a perpétua Virgindade de Maria é um dogma constante da fé, o que significa que é uma verdade revelada por Deus e que deve ser crida por todos os católicos. Ele apresenta ainda uma razão

⁵⁹ TEMPORELLI, 2010, p. 116.

⁶⁰ “[...] *sempre vergine, prima del parto, nel parto e dopo il parto.*” (LOURENÇO DE BRIDES *apud* ROSCHINI, 1951b, p. 178, tradução nossa).

⁶¹ ROSCHINI, 1951b, p. 173-174.

⁶² “*¡Que cabeza tan loca, ese Calvino!*” (LORENZO DE BRINDIS, 2004, p. 625, tradução nossa).

⁶³ “[...] *sia dal Vecchio che dal Nuovo Testamento.*” (ROSCHINI, 1951b, p. 174, tradução nossa).

⁶⁴ ROSCHINI, 1951b, p. 176.

⁶⁵ LORENZO DE BRINDIS, 2004, p. 539.

de conveniência, baseado em Lactâncio Firmiano, segundo a qual o Senhor quis nascer de uma Virgem para ser sem pai, como se lê de Melquisedeque.⁶⁶ Ele se apoia na autoridade dos Padres da Igreja e dos teólogos, especialmente Anselmo, Bernardo, Agostinho e Gregório Nazianzeno.⁶⁷ Ele prega, por exemplo, que “[...] os Santos Padres afirmam a uma só voz que a Virgem Mãe de Deus havia feito um voto, consagrando a Deus sua Virgindade Perpétua.”⁶⁸

Quanto ao conhecimento de São Lourenço sobre a proclamação do dogma da Virgindade Perpétua no Concílio de Constantinopla II, parece ser inquestionável, haja vista que ele afirma categoricamente, em seu *Mariale*, que esse dogma foi determinado pela autoridade divina da Igreja em um concílio, embora não mencione em qual tenha sido.⁶⁹

São Lourenço ainda observou que, no Antigo Testamento, a Maternidade era vista como uma bênção, enquanto no Novo Testamento, a Virgindade era mais valorizada e considerada uma bênção especial. No entanto, Maria foi agraciada com as bênçãos de ambas, tendo a integridade da Virgindade e a fecundidade maternal.⁷⁰

A defesa da Maternidade Divina e da perpétua Virgindade de Maria mostra a firmeza da fé de São Lourenço e sua devoção à Mãe de Deus. Tal posicionamento, concorde aos dois primeiros dogmas marianos, demonstra sua lealdade à Igreja e a ortodoxia de suas pregações. Provavelmente, muitos dos seus interlocutores, mesmo vivendo numa época de protestantismo efervescente, mantiveram-se firmes na fé católica, ao ouvir suas palavras. É acertado afirmar que São Lourenço foi um pregador da *Theotókos* e da *Aeiparthenos*.

Todavia, convém apontar à releitura que a Mariologia contemporânea tem feito aos dogmas marianos antigos. Atualmente, tem-se dado destaque ao ser humano como colaborador de Deus. Maria personifica a fragilidade-fortaleza e desafia estruturas de poder e injustiça. Sua humildade revela a atuação de Deus na realidade humana.

⁶⁶ “[...] *una ragione di convenienza ispirata ad un testo di Lattanzio Firmiano [...]*” (ROSCHINI, 1951b, p. 176, tradução nossa).

⁶⁷ LORENZO DE BRINDIS, 2004, p. 142.

⁶⁸ “[...] *los Santos Padres afirman a una sola voz que la Virgen Madre de Dios había emitido un voto, consagrando a Dios su perpetua virginidad.*” (LORENZO DE BRINDIS, 2004, p. 142, tradução nossa).

⁶⁹ LORENZO DE BRINDIS, 2004, p. 439.

⁷⁰ LORENZO DE BRINDIS, 2004, p. 230.

A Maternidade de Maria valoriza a capacidade de gerar e dar à luz, mas também deve ser repensada para evitar reducionismos e valorizar as qualidades redentoras e criativas das mulheres. A Teologia de Maria pode contribuir para uma transformação das estruturas patriarcais e promover uma relação equilibrada entre homens e mulheres na sociedade.⁷¹

Especificamente sobre o proclamado pelo II Concílio de Constantinopla, Afonso Murad comenta:

No entanto, o dogma da Virgindade de Maria suscita questionamento e gera polêmica. Vários pesquisadores da história e da antropologia mostraram que a imagem da *Virgem Maria* foi usada como modelo ideal da mulher na sociedade patriarcal e sexista para fortalecer o poder masculino. [...] *Maria Mãe e Virgem* se tornou um modelo inatingível para as mulheres concretas, já que nenhuma outra mulher consegue reunir ao mesmo tempo as duas características. Para quem considera a sexualidade como uma dimensão imprescindível na existência humana, soa como se a Igreja tivesse criado o dogma para manter a repressão sexual das mulheres na sociedade machista (patriarcal).⁷²

O que acima foi exposto é uma análise realmente válida e questionadora. Portanto, é imprescindível que seja levada em consideração para que o discurso a respeito dos dogmas não prolongue os equívocos, sobretudo de caráter social, que deles surgiram. Isso não significa que as verdades proclamadas perderam ou perderão o seu valor doutrinário e normativo, mas que a linguagem a elas associada necessita passar por um processo de renovação.

⁷¹ TEMPORELLI, 2010, p. 53-65.

⁷² MURAD, 2012, p. 150-151, grifos do autor.

3 OS DOGMAS MARIANOS MODERNOS

Os dois últimos dogmas marianos – o da Imaculada Conceição e o da Assunção – foram promulgados somente nos séculos XIX e XX respectivamente. O primeiro ensina que a Virgem Maria foi preservada imune de toda mancha de pecado original e, portanto, diz respeito ao início da vida da mãe do Senhor; o segundo, que ela foi assunta à glória celeste em corpo e alma após sua vida terrena.¹ Essas datas tão tardias, se comparadas com as dos dois primeiros dogmas marianos, podem assim sugerir que a Igreja literalmente inventou esses axiomas. Entretanto, há testemunhos históricos de que os cristãos sempre acreditaram neles.

3.1 HISTÓRIA DO DOGMA DA IMACULADA CONCEIÇÃO

Embora não sejam formalmente mencionados na Escritura, os dogmas da Imaculada Conceição e da Assunção existem desde a época patrística. Embora esses mistérios sejam frequentemente chamados de *privilégios*, eles são mais do que isso. Eles são consequência da Maternidade Divina de Maria. A fé dos cristãos investigou a santidade de Maria e questionou sua morte e o destino de seu corpo após a vida terrestre. Isso levou à Imaculada Conceição, que representa a santidade pessoal e original, e à Assunção, que inicialmente foi considerada uma *Dormição*.

Progressivamente, a Igreja Católica passou a se concentrar em Maria como uma figura individual e privilegiada. Ela foi vista como uma mulher de santidade única, com dons como a Imaculada Conceição e a Assunção ao céu.² Embora não haja um texto bíblico que afirme explicitamente a Imaculada Conceição, algumas passagens são interpretadas como indícios desse mistério. Em Gn 3,15 é prometido que a descendência da mulher esmagará a cabeça da serpente, o que é visto como prefiguração de Maria, a Nova Eva, que sempre disse sim a Deus. Além disso, em Lc 1,38, quando Maria responde *Eu sou a serva do Senhor*, transparece a sua plena submissão à vontade divina. Quando o anjo Gabriel a saúda, em Lc 1,28, como *cheia de graça*, deixa claro que

¹ BOFF, 2010, p. 33.43.

² PAREDES, 2011, p. 247.

todo o seu ser é repleto dos favores divinos, sem espaço ao mal. Outras figuras do Antigo Testamento, como a esposa do Cântico dos Cânticos (*sem defeito*)³ e a Arca da Aliança (*glória de Israel*)⁴, podem também ser exploradas para evocar o mistério da Imaculada Conceição. O referido dogma é considerado uma das maravilhas realizadas por Deus em Maria, conforme expresso em Lucas 1,49: *O Todo-poderoso fez grandes coisas em meu favor.*⁵

A aceitação dessa verdade de fé foi aumentando ao longo dos séculos na Igreja. Os Padres do século III e IV tinham opiniões divergentes sobre a santidade de Maria, mãe de Jesus. Enquanto Tertuliano acreditava que ela não havia tido fé em seu Filho e, portanto, havia sido *renegada*,⁶ Orígenes tinha uma visão mais positiva, afirmando que Maria era santa porque foi redimida por seu Filho.⁷ No entanto, Orígenes reconhecia que ela não estava isenta de falhas e escândalos, assim como todos os outros seres humanos.⁸ A posição dos Padres do Oriente, no século IV, era semelhante, reconhecendo que Maria era santa devido à sua Maternidade Divina, mas também reconhecendo algumas de suas fraquezas.⁹ Por outro lado, a Igreja Ortodoxa rejeitava a afirmação da Imaculada Conceição, alegando que Maria também era “[...] culpada da falta original e ancestral, como todos os homens [...]”¹⁰ No Ocidente, a posição de Hilário e Zenon de Verona era de que Maria foi santificada no momento da encarnação, mas era capaz de pecar. Em Ambrósio de Milão, porém, não havia sombra na santidade de Maria. Para Agostinho, Maria era pessoalmente santa, mas não foi concebida sem o pecado original, ou seja, não pecou mesmo

³ Ct 4,7.

⁴ 1Sm 4,22.

⁵ BOFF, 2010, p. 36-38.

⁶ SESBOÛE, 2013, p. 492.

⁷ GONZÁLEZ, Carlos Ignacio. **Maria**: evangelizada e evangelizadora. São Paulo: Loyola, 1990. p. 198.

⁸ ORÍGENES. **Homilias sobre o Evangelho de Lucas**. São Paulo: Paulus, 2016. p. 61.

⁹ TEMPORELLI, 2010, p. 142.

¹⁰ SESBOÛE, 2013, p. 492.

sendo maculada.¹¹ Após o Concílio de Éfeso, a doutrina da completa santidade de Maria, a *Panagia*, se espalhou rapidamente na Igreja.¹²

As Igrejas orientais, como a Igreja Ortodoxa Bizantina e a Igreja Copta, também professaram a santidade de Maria de maneira especial.¹³ Para os teólogos bizantinos, como João Damasceno e Fócio, Maria é pura e santa em tudo, ultrapassando a santidade do céu. Na tradição copta, Maria é considerada santa em grau superlativo e grande por sua perfeição pessoal e por suas funções em imitação a Jesus. Ela foi espiritualmente perfeita, sem mancha, desde o início, por “[...] um dom de predestinação conferido pela Santíssima Trindade.”¹⁴

Na Idade Média, a Imaculada Conceição de Maria foi um tema de grande debate. Embora alguns teólogos latinos tenham afirmado que Maria foi preservada do pecado original desde o *primeiro momento* da concepção, outros teólogos escolásticos proeminentes como Anselmo de Cantuária, Bernardo e Tomás de Aquino recusaram essa ideia porque ela contradiz a “[...] universalidade do pecado original [...]”¹⁵ Devido às dificuldades para a aceitação da Imaculada Conceição, as discussões sobre esse tema duraram séculos e foram influenciadas pelos conhecimentos científicos de cada época sobre a concepção do corpo e a infusão da alma. Somente quando a diferença de tempo entre concepção e infusão da alma foi superada, o problema foi resolvido.¹⁶

Beda e Pascásio Radberto e outros teólogos sugeriram uma visão diferente, associando a santificação de João Batista no ventre de Isabel à santificação de Maria.¹⁷ Essas perspectivas lançaram, no Ocidente, as bases para a compreensão da Imaculada Conceição de Maria como a isenção completa do pecado original desde o momento de sua concepção. Anselmo de Cantuária defendeu que Maria, e também outros personagens bíblicos, teria sido purificada de seus pecados antes de seu nascimento.¹⁸ Raimundo Lúlio argumentou que Maria não poderia estar em uma situação pior do que os primeiros pais antes do pecado,

¹¹ SESBOÛE, 2013, p. 493; MURAD, 2012, p. 163.

¹² GONZÁLEZ, 1990, p. 2007. PAREDES, 2011, p. 248-250.

¹³ PAREDES, 2011, p. 251.

¹⁴ PAREDES, 2011, p. 251.

¹⁵ SESBOÛE, 2013, p. 496.

¹⁶ PAREDES, 2011, p. 251-252.

¹⁷ PAREDES, 2011, p. 252.

¹⁸ GONZÁLEZ, 1990, p. 271.

portanto, não estava sujeita ao pecado original.¹⁹ Tomás de Aquino e Boaventura compartilhavam o pensamento de que Maria não foi Imaculada no *primeiro* instante de sua concepção, mas no *segundo*, isto é, quando já estava no útero de sua mãe e já havia contraído o pecado original.²⁰

Duns Scoto, um teólogo franciscano, partindo do pressuposto de que a Maria deve-se atribuir o melhor, afirmou que “[...] já no primeiro instante de sua concepção Maria recebeu a plenitude total da graça, porque foi a mais perfeitamente redimida pelo mais perfeito redentor. Foi redimida sendo preservada.”²¹ Ele ensinou que “[...] não poderíamos chamar Cristo perfeitíssimo Redentor nem Maria perfeitíssima redimida se não afirmássemos a preservação do pecado original.”²² Vale destacar que, já em 1263, os franciscanos festejavam a Imaculada Conceição.²³ Isso ajudará posteriormente a compreender porque São Lourenço defendeu com tanta intrepidez esse dogma: tratava-se de algo já consolidado em sua Ordem.

Tal discussão continuou sendo feita até que “[...] no século XVII, Paulo V e Gregório XV pedem que se abstenha de pregar e de ensinar que a Virgem Maria foi concebida no pecado original, exigindo, ao mesmo tempo, que não se ataque essa opinião.”²⁴ Em 1661, Alexandre VII aprovou formalmente a Imaculada Conceição e reconheceu a antiguidade de seu culto, mas não a impôs.²⁵ Somente em 1854, considerando o *sensus fidelium*, o Pio IX, mediante a bula *Ineffabilis Deus* promulgou, após consulta aos bispos do mundo, e definiu solenemente a Imaculada Conceição da Virgem Maria como uma doutrina revelada por Deus. Com as seguintes palavras, ele se expressou:

Para a honra da santa e indivisível Trindade, para
adorno e ornamento da Virgem Déipara, para

¹⁹ PAREDES, 2011, p. 253.

²⁰ TEMPORELLI, 2010, p. 153.

²¹ PAREDES, 2011, p. 254.

²² VILLALMONTE, 1958 *apud* PAREDES, 2011, p. 255.

²³ MOREIRA, Maria A. F. O contexto histórico da definição dos dogmas marianos. **Teologia em Questão**. Taubaté, nº 32, 2017, p. 169-188. p. cit. 180.

²⁴ SESBOÛE, 2013, p. 496.

²⁵ SESBOÛE, 2013, p. 496.

exaltação da fé católica e incremento da religião cristã, com a autoridade do Nosso Senhor Jesus Cristo, dos bem-aventurados apóstolos Pedro e Paulo e Nossa, declaramos, proclamamos e definimos: a doutrina que sustenta que a beatíssima Virgem Maria, no primeiro instante de sua conceição, por singular graça e privilégio do Deus onipotente, em vista dos méritos de Jesus Cristo, Salvador do gênero humano, foi preservada imune de toda mancha da culpa original, é revelada por Deus e por isso deve ser crida firme e constantemente por todos os fiéis.²⁶

A proclamação do dogma ocorreu em um momento em que a Igreja Católica enfrentava desafios racionalistas e modernistas, sendo reforçada pelas aparições marianas em Lourdes, que fortaleceram a devoção popular e a autoridade papal.²⁷

Atualmente, o dogma da Imaculada Conceição de Maria é interpretado como sinal da existência de uma *graça original* anterior ao pecado original. O referido dogma simboliza o triunfo da graça desde o princípio e destaca a vocação original de toda a humanidade. A Imaculada é considerada o *projeto do paraíso* e mostra o amor divino que existe desde sempre. O dogma da Imaculada revela a estrutura e o propósito, centrados em Cristo, do cosmos e da história, marcando o início da nova humanidade. Além disso, ele enfatiza a supremacia da justiça sobre a injustiça e representa a cura completa realizada pela redenção em Cristo, ainda que a libertação total da concupiscência ocorrerá na parusia. Além disso, a Imaculada Conceição oferece esperança ao recordar que o bem é mais poderoso que o mal.²⁸ Portanto, tal dogma não diz respeito somente a Maria, mas a todas as criaturas.

3.2 A IMACULADA CONCEIÇÃO PARA SÃO LOURENÇO

Um exemplo considerável de pessoa que acreditou na Imaculada Conceição de Maria foi São Lourenço de Brindes. Ele dedicou onze

²⁶ DH 2803.

²⁷ TEMPORELLI, 2010, p. 163.

²⁸ BOFF, Clodovis. **Mariologia social**: o significado da Virgem para a Sociedade. São Paulo: Paulus, 2006. p. 506-509.

sermões à doutrina da Imaculada Conceição, que ainda não era dogma de fé na época de São Lourenço, pois as discussões sobre o assunto ainda estavam em andamento. São Lourenço expôs claramente o estado da questão e forneceu evidências do *magistério eclesiástico*, da *Sagrada Escritura*, da *Tradição* e da *razão* para sustentar essa doutrina. Ele também enfrentou objeções e contribuiu significativamente para o triunfo desse dogma.

Ele afirmou que Maria foi preservada do pecado original por graça e privilégio divino.²⁹ Utilizou metáforas como a do sol e da lua para ilustrar a relação entre Cristo e Maria, destacando que Cristo é a fonte da luz e Maria é a que recebe plenamente essa luz, nunca sendo contaminada pela sombra do pecado.³⁰ Também menciona que a Igreja não nega que Maria tenha sido redimida por Cristo, mas enfatiza que sua redenção ocorreu de maneira singular e perfeita.³¹ O doutor ensina que Maria não estava inclusa na lei universal do pecado original, pois havia sido preservada por um ato miraculoso, mas reconhece que o assunto era controverso e carecia de uma posição oficial da Igreja:

Trata-se de um dogma controverso como problema teológico. Não está definido na Escritura canônica, como está a Conceção Santa e Imaculada de Cristo pela virtude divina e obra do Espírito Santo; nem está determinado pela autoridade divina da Igreja nos concílios sagrados, como está a perpétua Virgindade da Mãe de Deus no parto e após o parto, e a consequência de que ela deve ser chamada de Theotókos, Mãe de Deus. A Imaculada Conceição de Maria é, portanto, uma proposição livre, de modo que qualquer um possa opinar o que lhe parecer mais correto, razoável e verossímil, posto que nem a autoridade da Sagrada Escritura nem a da santa Igreja intervêm para dirimir esta controvérsia, embora pareça que a Igreja está

²⁹ ROSCHINI, 1951b, p. 118-119.

³⁰ LORENZO DE BRINDIS, 2004, p. 494.

³¹ ROSCHINI, 1951b, p. 119.

inclinada a acreditar, de acordo com a piedade, que a Virgem foi concebida sem pecado.³²

As provas utilizadas por São Lourenço para argumentar a favor da Imaculada Conceição são derivadas do *magistério* da Igreja, das *Sagradas Escrituras*, da *Tradição* e da *razão teológica*. Em relação ao *magistério*, o capuchinho acreditava que a Igreja, embora ainda não tivesse definido oficialmente essa doutrina, parece inclinar-se a favor dela por motivos de piedade.³³ Isso, porque a Igreja realizava a celebração da festa da Imaculada Conceição, embora ainda não fosse decretada como obrigatória para todos. Segundo o santo, pela prática da Igreja, até mesmo teólogos respeitados como São Bernardo e São Tomás teriam mudado de opinião sobre a Imaculada Conceição se estivessem vivendo naquela época.³⁴

Das *Sagradas Escrituras*, São Lourenço apresentou várias provas em favor da Imaculada Conceição. Embora reconhecesse que não há testemunho explícito nas Escrituras, ele afirmou que a doutrina é conforme a elas e implícita em vários textos. O primeiro argumento é baseado no Protoevangelho,³⁵ no qual é mencionada a inimizade entre a mulher e a serpente. São Lourenço interpreta isso como uma indicação de que Maria seria a inimiga do diabo e a vitoriosa sobre ele. Ele também menciona outras figuras e tipos bíblicos, como Eva, Ester, a

³² “*Se trata de un dogma controvertido, como problema teológico. No se halla definido en la Escritura canónica, como si lo está la santa e inmaculada concepción de Cristo por la divina virtud y obra del Espíritu Santo; ni está determinado por la autoridad divina de la Iglesia en los sagrados concilios, como lo está la perpetua virginidad de la Madre de Dios en el parto y después del parto, y la consecuencia de que ha de ser llamada Theotócos, Madre de Dios. La concepción inmaculada de María es, pues, una proposición libre, de modo que cualquiera pueda opinar lo que le parezca más correcto, razonable y verosímil, puesto que ni la autoridad de la Sagrada Escritura ni la de la santa Iglesia interviene para dirimir esta controversia, si bien parece que la Iglesia se inclina a creer, como más acorde con la piedad, que la Virgen fue concebida sin pecado.*” (LORENZO DE BRINDIS, 2004, p. 439, tradução nossa).

³³ LORENZO DE BRINDIS, 2004, p. 439.

³⁴ LORENZO DE BRINDIS, 2004, p. 512.

³⁵ Gn 3,15.

noiva do Cântico dos Cânticos, entre outros, que ilustram o mistério da pureza original de Maria.³⁶

São Lourenço responde à objeção bíblica de que ninguém é puro de mancha,³⁷ observando que a Escritura tem expressões gerais que não excluem exceções.³⁸

Realmente a Escritura, em certas proposições gerais em que não exclui ninguém do pecado, pareceria supor que Maria também está incluída sob a lei geral do pecado: *Mas quem pode tirar o puro do impuro? Ninguém!* (Jó 14,4); *A morte alcançou a todos os homens, pois todos pecaram* (Rm 5,12). No entanto, vemos que nas Sagradas Escrituras não são raros os exemplos de expressões de caráter geral, sem que essa generalidade inclua, por assim dizer, a todos e a cada um dos indivíduos. Por exemplo, lemos que (no tempo de Noé) *toda... a carne havia corrompido seu caminho* (Gn 6,12), e é evidente que Noé não estava incluído (cf. Gn 6,9). O salmista afirma que *todos estão desviados, pervertidos em massa; não há quem faça o bem, nem mesmo um* (Sl 14,3); mas é claro que sempre existiram muitos justos na Igreja de Deus. Segundo o salmo, *todos os homens são mentirosos* (Sl 116,11); e, no entanto, os profetas e apóstolos são verdadeiros. [...] *Deus deseja que todos os homens sejam salvos* (1Tm 2,4); no entanto, muitos perecem e a eles será dito: *Ide, malditos, para o fogo eterno* (Mt 25,41). [...] Por conseguinte, por que Maria não pode, mesmo que falte o testemunho expresso da Escritura, ser excluída da proposição geral do pecado original? [...] Se Paulo não excluiu expressamente a Virgem da proposição geral sobre o pecado, também não

³⁶ ROSCHINI, 1951b, p. 125-127.

³⁷ Jó 14,14.

³⁸ LORENZO DE BRINDIS, 2004, p. 443.

excluiu Enoque e Elias de outra proposição geral: *A morte alcançou a todos os homens* (Rm 5,12).³⁹

São Lourenço também encontra argumentos do Novo Testamento nas palavras de saudação a Maria pelo anjo e por Santa Isabel, bem como no Livro do Apocalipse. Para ele, cada uma das três partes da saudação angélica oferece uma base sólida para a doutrina da Imaculada Conceição. A expressão *cheia de graça* indica a ausência de pecado em Maria, enquanto as palavras *o Senhor está contigo* implicam a presença constante de Deus e a impossibilidade da presença do demônio. A bênção de Maria como *benedita entre as mulheres* reforça a tese da imaculabilidade de Maria.⁴⁰

São Lourenço refuta possíveis objeções a esses argumentos, defendendo a leitura greco-latina das saudações. Ele conclui que Maria foi cheia de graça e abençoada desde o primeiro momento de sua existência, assim como os anjos e nossos primeiros pais foram

³⁹ “*Realmente la Escritura, en ciertas proposiciones generales en que no exceptúa a nadie del pecado, parecería suponer a María incluida también bajo la ley general del pecado: Mas ¿quién podrá sacar lo puro de lo impuro? ¡Ninguno! (Job 14,4); La muerte alcanzó a todos los hombres, por cuanto todos pecaron (Rom 5,12). Sin embargo, vemos que en la Sagrada Escritura no son raras las expresiones de carácter general, sin que esa generalidad incluya, por así decirlo, a todos y cada uno de los singulares. Por ejemplo, leemos que (en el tiempo de Noé) toda... carne había corrompido su camino (Gén 6,12), y es evidente que Noé no estaba incluido (cf. Gén 6,9). El salmista afirma que todos están descarriados, en masa pervertidos; no hay nadie que haga el bien, ni uno siquiera (Sal 14,3); pero es claro que han existido siempre muchos justos en la Iglesia de Dios. Según el salmo, todos los hombres son mentirosos (Sal 116,11); y, sin embargo, los profetas y los apóstoles son veraces. [...] Dios quiere que todos los hombres sean salvos (1 Tim 2,4); sin embargo, muchos perecen y a ellos se les dirá: Id, malditos, al fuego eterno (Mt 25,41). [...] Por consiguiente, ¿por qué no puede María, aunque falte el testimonio expreso de la Escritura, ser substraída de la proposición general del pecado original? [...] Si Pablo no exceptuó expresamente a la Virgen de la proposición general sobre el pecado, tampoco excluyó a Henoc y a Elías de otra proposición general: La muerte alcanzó a todos los hombres (Rom 5,12).*” (LORENZO DE BRINDIS, 2004, p. 443-444, tradução nossa, grifos do autor).

⁴⁰ ROSCHINI, 1951b, p. 129-130.

santificados em sua criação.⁴¹ Como Maria poderia ser chamada de *bendita entre as mulheres* se ela tivesse sido amaldiçoada pelo pecado como os demais? São Lourenço argumenta que ela foi abençoada e cheia de graça desde o momento em que foi formada no ventre de sua mãe. Além disso, ele destaca que Maria foi saudada como a mais abençoada de todas as mulheres, o que indica que ela foi agraciada acima de todas com benefícios divinos.⁴²

Da *Tradição*, São Lourenço não busca apresentar os vários ensinamentos dos Padres do Oriente e do Ocidente. Ele dá destaque apenas a Agostinho, citando um trecho do *De Natura et Gratia*, que aqui, para facilitar a compreensão, é apresentado de modo um pouco mais extenso:

[...] a própria mãe de nosso Senhor e Salvador, a respeito da qual ele diz: “A piedade exige que a confessemos *isenta de pecado*”. Excetuo a santa Virgem Maria, sobre a qual, devido à honra ao Senhor, não quero discutir, eis porque sabemos que lhe foi concedido um grau mais elevado de graça para vencer totalmente o pecado, pois mereceu conceber e dar à luz aquele a respeito do qual não consta que tivesse pecado.⁴³

São Lourenço observa que Agostinho discutia com os pelagianos, que negavam o pecado original, e não estava se referindo apenas aos pecados atuais.⁴⁴ Com relação a estes, São Lourenço destaca ainda outro comentário de Agostinho, segundo o qual Maria Santíssima não cometeu nenhum pecado atual.⁴⁵ Contudo, neste aspecto São Lourenço parece ter se equivocado, pois, como foi apontado anteriormente, Agostinho “[...] afirma a total ausência de *pecados atuais* em Maria,

⁴¹ LORENZO DE BRINDIS, 2004, p. 450.

⁴² ROSCHINI, 1951b, p. 131.

⁴³ AGOSTINHO DE HIPONA. **A graça (I):** o espírito e a letra, a natureza e a graça, a graça de Cristo e o pecado original. São Paulo: Paulus, 1999. p. 89, grifo nosso.

⁴⁴ LORENZO DE BRINDIS, 2004, p. 475.

⁴⁵ LORENZO DE BRINDIS, 2004, p. 475-476.

mas não de *Pecado Original*.⁴⁶ Agostinho não foi um defensor da Imaculada Conceição de Maria.

As *razões teológicas* apresentadas por São Lourenço podem ser sintetizadas da seguinte forma: Primeiramente, é afirmado que Deus tinha o poder (*potuit*) de preservar Maria da culpa original, pois Ele pode fazer tudo o que deseja. Em segundo lugar, era conveniente (*deciuit*) que Maria fosse preservada da culpa original por quatro motivos: em honra a Deus Pai, para preservar a dignidade de Cristo, em respeito ao Espírito Santo e em honra à própria Maria. São Lourenço argumenta que a preservação de Maria da culpa original manifesta a infinita potência, sabedoria e bondade de Deus. Além disso, era a vontade (*voluit*) de Deus que Maria fosse preservada da culpa original, uma vez que sua Maternidade Divina exigia uma pureza moral infinita. Essas razões foram posteriormente compartilhadas, de modo semelhante, por Afonso Maria de Ligório.

O capuchinho destaca a impecabilidade da Virgem Maria, afirmando que ela foi completamente imune ao pecado atual, tanto mortal quanto venial, desde o primeiro momento de sua existência pessoal.⁴⁷ Ele argumenta que “[...] a santidade da Virgem foi semelhante à santidade de Cristo, embora muito inferior em graus, como a lua é inferior ao sol.”⁴⁸ O autor também refuta as opiniões de Orígenes e Calvino sobre a imunidade de Maria ao pecado atual, destacando que essas interpretações são equivocadas e contrárias às Escrituras.⁴⁹ Além disso, enfatiza que Maria não apenas foi impecável, mas foi confirmada na graça divina desde o início de sua existência terrena. Ele ressalta que a Virgem Maria foi uma rocha inabalável, protegida pela Trindade. Também destaca que ela foi preservada de qualquer inclinação desordenada, não experimentou nem mesmo o menor movimento de concupiscência. Sua alma e corpo foram santificados, e suas paixões estavam perfeitamente submetidas à razão.⁵⁰

⁴⁶ MURAD, 2012, p. 163, grifo nosso.

⁴⁷ LORENZO DE BRINDIS, 2004, p. 492.

⁴⁸ “[...] *la santidad de la Virgen fue semejante a la santidad de Cristo, aunque muy inferior en grados, como la luna es inferior al sol.*” (LORENZO DE BRINDIS, 2004, p. 593, tradução nossa).

⁴⁹ LORENZO DE BRINDIS, 2004, p. 67.142.

⁵⁰ ROSCHINI, 1951b, p. 144-146.

Se essas colocações sobre a Imaculada Conceição fossem de um autor do atual século ou do século passado, não seria ela tão relevante. Mas, por ser de uma personalidade do séc. XVII, ela ganha um valor totalmente novo. Foi um adiantamento muito intrépido da parte de São Lourenço fazer pregações da Imaculada Conceição de Maria com tanta clareza como foi apresentado acima, mesmo sabendo que a Igreja, naquela época, já tinha o costume de celebrar essa festa.

3.3 HISTÓRIA DO DOGMA DA ASSUNÇÃO

Embora não haja um testemunho explícito nas Sagradas Escrituras do dogma da Assunção de Maria, a tradição eclesial interpretou alguns textos bíblicos à luz da associação íntima de Maria ao destino de seu Filho e sua plena santidade. Dentre os temas bíblicos que sustentam esse dogma estão: a vitória da Mulher sobre a serpente, a imagem da nova Eva, a comparação com a arca incorruptível, a honra devida à Mãe perfeita, a posição da Rainha-mãe ao lado do Rei, a figura da Mulher vestida de sol, o poder da ressurreição de Cristo em Maria e sua participação generosa no destino de seu Filho.⁵¹ Embora não se baseie em um único texto específico, o conjunto da mensagem bíblica apoia a glorificação corporal de Maria, levando à proclamação do dogma.⁵²

Entre os séculos IV e V, surgem as primeiras indicações escritas sobre o destino final de Maria. Efrém e Timóteo de Jerusalém sugeriram que o corpo de Maria não sofreu corrupção após sua morte e que ela foi transladada aos lugares de sua *ascensão*. Epifânio investigou o assunto por preocupação pastoral, mas concluiu que não havia informações na Escritura e nem nos escritos eclesiásticos. No século IV, não havia tradição em Jerusalém sobre a Assunção ou morte de Maria. A narrativa da morte de Maria aparece nos escritos apócrifos a partir dos séculos IV-VI, como o *Transitus Mariae* e a *Dormitio Matris Dei*. Esses apócrifos ganharam grande difusão, especialmente na Idade Média. Seu conteúdo, embora divergente, apontava a um ponto comum, como descreve Temporelli:

⁵¹ BOFF, 2010, p. 49-51; MURAD, 2012, p. 181; TEMPORELLI, 2010, p. 192-194.

⁵² BOFF, 2010, p. 49.

[...] foram conservadas várias tradições que repetem elementos comuns ao autor da *Dormitio*, com ligeiras variantes: Maria recebe de um mensageiro o anúncio de que está próximo o seu trânsito; ela o aguarda; chegam os apóstolos, que se reúnem em torno de seu leito e organizam um cortejo fúnebre após sua morte; durante o sepultamento, há uma intervenção hostil de judeus; uma vez sepultado seu corpo, sucede algo extraordinário: o cadáver ressuscita ou é levado ao Paraíso seu corpo não permanece no sepulcro. Cada autor introduz elementos próprios, mas todos se mostram de acordo em que o final de Maria foi diferente do de todos os outros mortais.⁵³

No século VI, no Oriente, começou a celebração litúrgica do Trânsito ou Dormição de Maria em 15 de agosto. No Ocidente, por volta de 650, foi introduzida a festa da Dormição ou Repouso no túmulo de Maria, posteriormente chamada de Assunção.⁵⁴ Essas festas foram importantes para a reflexão teológica e para a crença na Assunção de Maria.

Do século VII à Idade Média, há testemunhos de padres, doutores e teólogos sobre a Assunção de Maria. Na Igreja do Oriente, o bispo Teoteco de Lívia mencionou a Assunção em um sermão, seguindo narrativas apócrifas e incluindo-a entre os privilégios de Maria. O patriarca Modesto de Jerusalém também afirmou explicitamente a doutrina da Assunção. Na Igreja greco-bizantina, vários padres e teólogos como Germano de Constantinopla, André de Creta e João Damasceno defenderam a Assunção de Maria em corpo e alma ao céu, fundamentando-se na Virgindade, Maternidade Divina e pureza de Maria.⁵⁵ Na Igreja do Ocidente, houve divergências, mas Agostinho defendeu a Assunção, afirmando que Maria conheceu a morte, mas não foi sua prisioneira. O livro atribuído ao *Doctor Gratiae, De assumptione beatae Mariae virginis*, estabeleceu os fundamentos da teologia da

⁵³ TEMPORELLI, 2010, p. 194-196, grifo do autor.

⁵⁴ MURAD, 2012, p. 182-183; PAREDES, 2011, p. 256.

⁵⁵ SESBOÛE, 2013, p. 499-502; TEMPORELLI, 2010, p. 198-201.

Assunção no Ocidente.⁵⁶ Teólogos posteriores elaboraram argumentos de conveniência para justificar essa crença, que foram se tornando cada vez mais populares.⁵⁷

Durante os séculos XVI a XX, os teólogos protestantes, como Lutero, negaram a crença católica na Assunção de Maria, argumentando que não estava explicitamente fundamentada nas Escrituras. Durante a Contrarreforma, houve discussões sobre a morte de Maria e suas causas. Francisco de Sales sugeriu que ela havia morrido de amor, experimentando a crucificação diariamente e desejando intensamente se reunir com seu Filho. Francisco Suárez afirmou que Maria morreu por humildade, renunciando à isenção do sepulcro conquistada por sua Imaculada Conceição.⁵⁸

No século XVIII, surgiram petições à Santa Sé para a definição dogmática da Assunção e, entre 1921 e 1940, mais de mil petições de bispos foram enviadas, junto com inúmeras petições de congregações religiosas e de fiéis. Antes de 1944, 73% das sedes episcopais residenciais já haviam pedido tal definição. A maioria dos bispos concordava com isso, baseando-se na fé unânime dos católicos. Os fundamentos teológicos variavam, alguns relacionando a Assunção à Maternidade Divina, à Virgindade, à Imaculada Conceição ou à função salvífica de Maria. Houve debates entre teólogos sobre a conveniência da definição, a falta de testemunhos bíblicos e a distinção entre os aspectos dogmáticos, históricos e litúrgicos. Os argumentos mais fortes se baseavam na contemplação do mistério de Maria em conexão com o mistério de Cristo. Em 1946, Pio XII consultou os bispos sobre a definição da Assunção e a maioria respondeu positivamente.⁵⁹

A promulgação dogmática ocorreu em um contexto sociopolítico e eclesial agitado, marcado pelo materialismo da cultura moderna, pelas consequências da Revolução de 1848, pela proclamação do dogma da Imaculada Conceição e pela Segunda Guerra Mundial. Havia também a mudança da posição do Papa que de monarca dos Estados Pontifícios passou para cabeça do Estado da Cidade do Vaticano. Dentro da Igreja, surgiram diversos movimentos eclesiais, como o litúrgico, o bíblico e o

⁵⁶ PAREDES, 2011, p. 265-266.

⁵⁷ TEMPORELLI, 2010, p. 200-201.

⁵⁸ TEMPORELLI, 2010, p. 201-202.

⁵⁹ GONZÁLEZ, 1997, p. 287-288.

mariano. Esses movimentos buscavam revitalizar a liturgia, a compreensão da Bíblia e a devoção a Maria, respectivamente. O contexto eclesial incluía ainda a Comissão de Teologia Sistemática, que analisava a evolução da teologia pós-Segunda Guerra Mundial, e a decisão do Papa Pio XII de não convocar um concílio ecumênico. Naquele momento, o comunismo era considerado um grande inimigo e buscava-se fortalecer a devoção a Maria como uma resposta ao materialismo ateu e ao secularismo liberal. Esperava-se que essa definição tivesse impactos positivos na vida espiritual dos cristãos e na aproximação dos ortodoxos à Igreja Romana.⁶⁰

Por tudo isso e para reafirmar sua autoridade papal, Pio XII, no primeiro dia de novembro de 1950, proclamou o dogma da Assunção de Maria através da bula *Munificentissimus Deus*, nestes termos:

[...] para glória do Deus onipotente, que à virgem Maria prodigiu sua peculiar benevolência, para honra do seu Filho, Rei imortal dos séculos e vencedor do pecado e da morte, para incremento da glória da sua augusta mãe, e para gáudio e exultação de toda a Igreja, com a autoridade de Nosso Senhor Jesus Cristo, dos bem-aventurados Apóstolos Pedro e Paulo e a Nossa, proclamamos, declaramos e definimos ser dogma divinamente revelado que: a imaculada Deípara, sempre virgem Maria, completado o curso da vida terrestre, foi assumida em corpo e alma na glória celeste.⁶¹

O conteúdo da proclamação abarca uma série de argumentos e razões baseados na Sagrada Escritura, nos ensinamentos dos santos Padres e na tradição da Igreja para sustentar a crença de que Maria, após completar sua vida terrestre, foi levada em corpo e alma à glória celestial. É ressaltada a estreita união entre Maria e seu Filho divino, Jesus Cristo, e sua participação na luta contra o pecado e a morte. Afirma-se que, assim como a ressurreição de Cristo foi parte essencial da vitória sobre o pecado, a vitória de Maria também culminou na

⁶⁰ TEMPORELLI, 2010, p. 203-211.

⁶¹ DH 3903.

glorificação de seu corpo virginal. A proclamação do dogma da Assunção é feita para a glória de Deus, a honra de Jesus Cristo, o incremento da glória de Maria e a alegria da Igreja. Por fim, o Pontífice adverte que negar ou duvidar dessa definição é afastar-se da fé católica. Embora haja diferentes interpretações quanto a sua morte antes de ser elevada ao céu, o Papa não entra em detalhes sobre esse aspecto.

Atualmente, são inferidos deste dogma vários desdobramentos teológicos. Primeiramente, ele é um sinal de esperança e conforto para o povo cristão, reforçando a garantia da ressurreição e oferecendo respostas ao sofrimento humano. Além disso, a Assunção é a base da presença e intervenção poderosa da Mãe de Deus na história, trazendo confiança e súplica ao povo fiel. O dogma também exalta os humildes, inspirando coragem na luta por dignidade. Ele afirma a dignidade e o valor da vida humana, especialmente dos corpos mais degradados, e promove o respeito e a pureza na relação entre as pessoas. A Assunção também representa a exaltação da matéria e da terra no plano da salvação e aponta para a glória de todo o cosmos.⁶²

Um dos limites identificados pela Mariologia atual em relação aos dogmas marianos modernos é comentado por Murad nos seguintes termos:

[...] os dogmas da Imaculada Conceição e da Assunção foram formulados numa mentalidade mariana triunfalista. Usaram os chamados argumentos de conveniência, cuja lógica hoje é questionável, pois não parte da revelação divina, mas sim da razão humana, que, em nome de Deus, pode chegar a conclusões questionáveis. Basicamente, funcionavam assim: *Deus podia fazer algo especial em Maria. Convinha a Deus que o fizesse. Logo, fez!*⁶³

Essa é uma leitura desconcertante e incontestável a respeito dos dogmas marianos. Como relacioná-la com a riqueza da proclamação dogmática e com o ensinamento do *Doctor Apostolicus*? Eis um delicado desafio.

⁶² BOFF, 2010, p. 53-55.

⁶³ MURAD, 2012, p. 161, grifo do autor.

3.4 A ASSUNÇÃO PARA SÃO LOURENÇO

Nos três últimos discursos do *Mariale*, São Lourenço aborda a Assunção de Maria Santíssima ao céu. Dentre suas afirmações, merece destaque esta:

Também Maria com o corpo e alma glorificados foi trasladada e assunta ao céu, e ao lugar mais alto deste, junto ao trono de Deus, sendo constituída sobre todos os coros e sedes dos anjos, coroada Imperatriz do mundo, Senhora dos anjos e Rainha de todos os santos.⁶⁴

Segundo Roschini, São Lourenço “[...] determina o objeto e apresenta as provas.”⁶⁵ Defende que Maria foi assunta ao céu com base na analogia entre ela e Cristo: Maria foi semelhante ao seu Filho em natureza, graça e glória.⁶⁶ Seguindo essa lógica, ele argumenta que a Assunção de Maria inclui três elementos essenciais: *morte e ressurreição, transladação ao céu e coroação*.

São Lourenço não tem dúvidas quanto à *morte* de Maria, afirmando em vários lugares que ela, de fato, morreu assim como seu Filho.⁶⁷ Assim ele descreve a morte da *Theotókos*: “A morte da Virgem Santíssima foi, portanto, sem dor alguma, sem tristeza, sem medo ou aflição da alma ou do corpo; ao contrário, foi cheia de alegria e gozo.”⁶⁸ Para o santo capuchinho, a morte de Maria foi como acordar de um sono leve. Ele também ensina repetidamente que a morte de Maria foi seguida

⁶⁴ “*También María con el cuerpo y alma glorificados fue trasladada y asunta al cielo, y a su lugar más alto junto al trono de Dios, siendo constituída sobre todos los coros y sedes de los ángeles, coronada Emperatriz del mundo, Señora de los ángeles y Reina de todos los santos.*” (LORENZO DE BRINDIS, 2004, p. 642-643, tradução nossa).

⁶⁵ “[...] *determina l'oggetto e ne adduce le prove.*” (ROSCHINI, 1951b, p. 178).

⁶⁶ LORENZO DE BRINDIS, 2004, p. 486-487.

⁶⁷ LORENZO DE BRINDIS, 2004, p. 351-352.

⁶⁸ “*La muerte de la Virgen Santísima fue, por tanto, sin dolor alguno, sin tristeza, sin temor o aflicción del alma o del cuerpo; más bien fue plena de alegría y gozo.*” (LORENZO DE BRINDIS, 2004, p. 641, tradução nossa).

pela ressurreição, aproximadamente quinze anos após a Ascensão de Cristo.⁶⁹

Quanto à *transladação* da alma e do corpo glorificados ao céu, São Lourenço fala com frequência sobre esse aspecto. Ele utiliza uma metáfora envolvendo uma cerimônia de corte em que apenas o rei e a rainha entram a cavalo pela porta do palácio real:

Algo semelhante pode ser dito de Cristo, Rei dos reis e Senhor dos que dominam (1Tm 6,15), a quem João viu no Apocalipse cavalgando no meio de uma grande comitiva de cavaleiros (cf. Ap 19,11-14), que são todos os santos. Quando chegam às portas do palácio celestial, todos os santos deixam os cavalos de seus corpos, enquanto apenas Cristo Rei entrou no céu com o cavalo branco de seu corpo, e junto com Ele também entrou no cavalo de seu corpo, como Rainha dos Céus, a Virgem beatíssima.⁷⁰

No terceiro ponto, o da *coroação*, que é o epílogo dos dois anteriores, São Lourenço demonstra uma riqueza singular de ideias e sentimentos:

Comentando no primeiro Discurso do *Mariale* sobre a visão do Apocalipse: “Um grande sinal apareceu no céu...” (Ap 12,1); ele observa que nem Deus nem Cristo jamais manifestaram-se com tanta glória. Ele não quer dizer que a glória da Virgem no céu seja superior à glória de Deus ou de Cristo. Ele quer dizer apenas isso: assim como nas solenidades das cortes deste mundo, a

⁶⁹ ROSCHINI, 1951b, p. 179; LORENZO DE BRINDIS, 2004, p. 9.

⁷⁰ “*Algo semejante se puede decir de Cristo, Rey de reyes y Señor de los que dominan (1 Tim 6,15), al que Juan vio en el Apocalipsis cabalgando en medio de un gran séquito de caballeros (cf. Ap 19,11-14), que son todos los santos. Cuando llegan a las puertas del palacio celeste, todos los santos dejan los caballos de sus cuerpos, mientras que sólo Cristo Rey ha entrado en el cielo con el caballo blanco de su cuerpo, y junto con Él también ha entrado sobre el caballo de su cuerpo, como Reina de los Cielos, la Virgen beatísima.*” (LORENZO DE BRINDES, 2004, p. 657, tradução nossa).

rainha, devido à condição de seu sexo, costuma aparecer muito mais adornada do que o próprio rei, assim Maria apareceu no céu ao Apóstolo com uma glória superior àquela com a qual nem Deus nem Cristo jamais se manifestaram. Sua aparição foi um grande milagre.⁷¹

Para São Lourenço, a glória de Maria é superior à de todos os demais santos.⁷² Assim ele ensinou: “Ela foi exaltada acima de todas as criaturas, acima de toda a Igreja militante e triunfante, acima de tudo.”⁷³ A Virgem Santíssima, portanto, alcançou, segundo a teologia laurenciana, o mais alto grau de glória, sendo abençoada em alma e corpo, colocada acima de todos os coros angelicais e assentada em um trono gloriosíssimo à direita de Cristo: “[...] assim como aqui na terra foi cheia de graça, no céu ela possui a plenitude da glória.”⁷⁴ Portanto, em Maria, houve uma correspondência da realidade celeste à realidade terrestre.

São Lourenço apresenta algumas *provas* – ou argumentos – para a Assunção de Maria ao céu, baseando-se no *magistério* da Igreja, nas *Escrituras* e na *razão teológica*. Em relação ao *magistério*, afirma que a Igreja, não podendo errar por ser guiada pelo Espírito Santo, celebra a festa da Assunção por inspiração do mesmo Espírito.⁷⁵

⁷¹ “*Commentando, nel primo Discorso del Mariale, la visione dell'Apocalisse: “Un segno grande apparve in cielo...” (Ap 12,1); osserva che mai, nè Dio nè Cristo, apparvero con tanta gloria. Non intende già dire che la gloria della Vergine in cielo sia superiore alla gloria di Dio o di Cristo. Vuol dire soltanto questo: come nelle solennità delle corti di questo mondo la regina, per la condizione del suo sesso, suole apparire assai più adorna dello stesso re, così Maria apparve in cielo all'Apostolo con una gloria superiore a quella con cui non siano mai apparsi sia Dio che Cristo. Apparve infatti come un grande miracolo.*” (ROSCHINI, 1951b, p. 180, tradução nossa, grifo nosso).

⁷² “[...] *María en el cielo transciende sin medida la gloria de todos los santos.*” (LORENZO DE BRINDIS, 2004, p. 39, tradução nossa).

⁷³ “*Ella fu esaltata sopra tutte le creature, sopra tutta la Chiesa sia militante che trionfante, sopra tutto.*” (ROSCHINI, 1951b, p. 182, tradução nossa).

⁷⁴ “[...] *como aquí en la tierra fue llena de gracia, así en el cielo tiene la plenitud de la gloria.*” (LORENZO DE BRINDIS, 2004, p. 644, tradução nossa).

⁷⁵ LORENZO DE BRINDIS, 2004, p. 535.

No tocante às *Escrituras*, São Lourenço reconhece que nelas não há relatos claros sobre o trânsito e a gloriosa Assunção da Virgem Maria. No tocante a isso, comenta:

O Espírito Santo quis honrar a Santíssima Virgem com uma espécie de sagrado silêncio no texto da Escritura, assim como a arca de Deus permanecia sempre oculta sob o véu no santuário (cf. Ex 26,33), para que o povo não pudesse vê-la, mas, estando assim oculta, fosse de máxima veneração para todos os fiéis.⁷⁶

Todavia, ele argumenta que as Escrituras falam veladamente sobre esse mistério. Do Antigo Testamento, ele vê uma prova da Assunção nas passagens do “[...] Cântico dos Cânticos e na transladação da Arca Sagrada.”⁷⁷ Contudo, essas passagens veterotestamentárias não parecem ser realmente provas da Assunção de Maria. Para Roschini, mesmo o sentido tipológico dessas passagens, “[...] para ter valor probatório, precisaria ser melhor demonstrado.”⁷⁸ Do Novo Testamento, São Lourenço recorre à saudação angelical a Maria, afirmando que ela sempre esteve em graça e que o Senhor estava com ela desde a concepção até a morte, libertando-a da corrupção para levá-la ao céu.⁷⁹ Outro argumento é derivado do livro do Apocalipse, onde a visão da Arca da Aliança e da mulher vestida de sol se referem à glorificação de Maria em corpo e alma no céu.⁸⁰

Também são utilizados argumentos da *razão teológica* para provar a Assunção de Maria. Em primeiro lugar, o *Doctor Apostolicus*

⁷⁶ “*Quiso el Espíritu Santo honrar a la Santísima Virgen con una especie de silencio sagrado en el texto de la Escritura, al modo como el arca de Dios permanecía siempre escondida bajo el velo en el santuario (cf. Ex 26,33), para que el pueblo no pudiera verla, sino que, estando así escondida, fuera de máxima veneración para todos los fieles.*” (LORENZO DE BRINDIS, 2004, p. 658, tradução nossa).

⁷⁷ “[...] *Cantico dei Cantici e nella traslazione dell'Arca Santa.*” (ROSCHINI, 1951b, p. 183, tradução nossa).

⁷⁸ “[...] *perchè abbia valore probativo, avrebbe bisogno di essere meglio dimostrato.*” (ROSCHINI, 1951b, p. 185, tradução nossa).

⁷⁹ LORENZO DE BRINDIS, 2004, p. 226.

⁸⁰ LORENZO DE BRINDIS, 2004, p. 636.

destaca que a Santa Virgem combateu legitimamente e, portanto, tem o direito à coroa da glória. Em seguida, ele ressalta que a Santa Virgem foi companheira de Cristo em sua paixão, e, portanto, também deve ser participante de sua consolação e de seu reino.⁸¹

Se, no segundo capítulo, pôde-se afirmar que São Lourenço foi um pregador da *Theotókos* e *Aeiparthenos*, aqui se sustenta que foi também um pregador da Virgem Imaculada e Assunta ao céu. Quanto à dupla dos primeiros dogmas, ele foi fiel ao ensinamento da Igreja que já os havia promulgado muitos séculos antes. Quanto aos dois últimos, foi um benéfico propulsor. Soube interpretar a herança teológica dos santos, doutores e teólogos anteriores, e aprofundar ainda mais para que a Igreja tivesse certeza ainda maior de sua veracidade.

⁸¹ ROSCHINI, 1951b, p. 189.

CONCLUSÃO

Este estudo examinou a dogmática mariana de São Lourenço de Brindes, notável pregador e dedicado promotor da fé católica. Ele se destacou por sua erudição em Sagrada Escritura, Teologia, Patristica e Filosofia, bem como por seu *Mariale*, uma sólida coleção de sermões marianos. Sua habilidade para memorizar a Bíblia e comunicar-se efetivamente foram algumas das características mais notáveis, além de seu papel de liderança na Ordem Capuchinha e nas missões diplomáticas às quais foi designado. Embora tenha sido um homem excepcional, digno do título de doutor apostólico, a atuação de São Lourenço em relação à paz foi complexa, pois a promoveu em algumas ocasiões, enquanto em outras recorreu à guerra.

Além disso, deixou-se influenciar pelo pensamento teológico da época, particularmente no que diz respeito à apologética contra os protestantes. Suas biografias não evidenciam uma busca pelo diálogo ecumênico. Ao contrário, a João Calvino, o capuchinho registrou as seguintes alcunhas: louco, herege, Caim, inimigo dos santos e filho primogênito de Satanás. Esse tipo de linguagem tornou-se inadmissível com o Concílio Vaticano II, para o qual os católicos devem adotar uma linguagem favorável à fraternidade no diálogo com os membros de outras denominações cristãs.⁸² Desse modo, a verdade não deve jamais ser pregada com ironia ou prepotência, mas com humildade e caridade.

Outro traço essencial de São Lourenço foi sua devoção à Virgem Maria, sobre quem escreveu uma admirável coleção de sermões, o *Mariale*. Embora esse livro não possa ser considerado um autêntico tratado de Mariologia pelo fato de carecer de rigidez sistemática, ele representa um instrumento valioso para a reflexão teológica e a devoção popular, uma vez que apresenta fundamentos sólidos baseados na Sagrada Escritura e na Tradição. Sua abordagem mariológica valoriza a singularidade e a eminência de Maria, destacando sua analogia com Cristo e sua posição única como Mãe de Deus.

⁸² CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. Decreto *Unitatis redintegratio*. In: COSTA, Lourenço (Org.). **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)**. São Paulo: Paulus, 1997. p. 215-240. p. cit. 221; UR 4.

A respeito dos dogmas da Maternidade Divina e da Virgindade Perpétua de Maria, observa-se uma clara continuidade por parte de São Lourenço com aquilo que a Igreja havia promulgado nos primeiros séculos. Vivendo em um período posterior à definição desses dogmas, ele apropriou-se das verdades teológicas já estabelecidas e continuou a defender a *Theotókos* e *Aeiparthenos*. Exaltou a pureza, a humildade e a importância de Maria, proclamando-a como a verdadeira esposa e mãe de Deus, a figura feminina mais destacada nas Sagradas Escrituras e a mãe de todos os cristãos. Além disso, reafirmou a doutrina de que a mãe do Senhor foi virgem antes, durante e após o parto. No entanto, é importante ressaltar que o capuchinho se valeu de linguagem patriarcal que reflete desequilíbrio nas relações entre homens e mulheres na sociedade. Com isso, não se pretende desmerecer sua obra, mas prevenir a acriticidade na leitura atual do *Mariale*. Que, no século XVII, São Lourenço tenha se referido às mulheres de modo limitado, é algo compreensível. Incabível é fazer isso nos dias hodiernos, após tanta insistência da parte da sociedade e da Igreja para maior valorização das mulheres.

Em relação às doutrinas da Imaculada Conceição e da Assunção de Maria ao céu, São Lourenço se destacou como um promotor benéfico. Sua abordagem não se limitou apenas a reafirmar os dois dogmas antigos, que a Igreja já havia definido oficialmente. Ao contrário, com base nas celebrações litúrgicas de sua época e na tradição da Ordem Franciscana, ele defendeu explicitamente também a veracidade dos dogmas modernos, que só foram oficialmente estabelecidos muito tempo depois. Sua posição, assim como a de outros que viveram antes e depois dele, é uma prova notável de que os dogmas marianos modernos não foram inventados pela Igreja nos últimos dois séculos. Na verdade, nos séculos XIX e XX, eles foram simplesmente proclamados. Essa distinção é crucial.

A fé na Imaculada Conceição e na Assunção de Maria remonta à época patrística e, por conseguinte, à Sagrada Tradição. Mesmo as críticas atuais que apontam para os interesses políticos de Pio IX e Pio XII não são suficientes para negar a validade de tais proclamações. Maior significância possuem os apontamentos protestantes em relação à base bíblica de tais dogmas. Contudo, no diálogo ecumênico, é possível remeter essa questão ao âmbito da discussão sobre a Revelação, isto é, se as Escrituras são as autoridades exclusivas da fé cristã ou se a Tradição também deve ser tida em conta. Trata-se de uma conversa melindrosa, pois toca em um princípio fundamental da Reforma Protestante, o da *Sola Scriptura*; mas não é inatingível.

Outra observação relevante sobre a teologia laurenciana diz respeito ao maximalismo em relação à figura de Maria. São Lourenço ensinou, por exemplo, que a mãe do Senhor é a criatura mais sublime e que sua Maternidade Divina possui uma dignidade quase infinita. Essa posição está em consonância com o princípio *De Maria numquam satis* de Bernardo de Claraval, segundo o qual nunca se pode falar o suficiente sobre Maria. Na verdade, a teologia atual, apoiando-se sobretudo na *Lumen Gentium*, tem abordado a missão de Maria no contexto do mistério de Cristo e da Igreja, evitando exageros no seu enaltecimento. Contudo, ainda que pendendo a esse extremo, São Lourenço jamais se desviou da ortodoxia, deixando sempre clara a inferioridade de Maria em relação a Deus, sem elevá-la à posição de deusa.

Por fim, é indubitável que a dogmática mariana de São Lourenço de Brindes, embora influenciada por certos limites próprios de sua época, possui um valor histórico e teológico imenso, pois ajuda a esclarecer a fé católica e a compreender a evolução do pensamento teológico ao longo dos séculos. Ao examinarmos seus sermões marianos, somos envolvidos por uma profunda emoção, surpreendidos por sua sensatez e conduzidos à oração. Efetivamente, eles não trazem muitas novidades à mariologia contemporânea, mas dão suporte a ela; corroboram o que hoje é ensinado e apaziguam as dúvidas quanto a fidelidade da Igreja na transmissão da Revelação. Portanto, acertada foi a decisão do Papa João XXIII de incluir São Lourenço de Brindes entre os doutores da Igreja.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO DE HIPONA. **A graça (I)**: o espírito e a letra, a natureza e a graça, a graça de Cristo e o pecado original. São Paulo: Paulus, 1999.

BERGOÑA, Mauricio de. **San Lorenzo de Brindis**: vida, personalidad y obras. Madrid: Gráficas Unidas, 1950.

BÍBLIA de Jerusalém. Rev. e amp. São Paulo: Paulus, 2012.

BOFF, Clodovis M. **Dogmas marianos**: síntese catequético-pastoral. São Paulo: Ave-Maria, 2010.

BOFF, Clodovis. **Mariologia social**: o significado da Virgem para a Sociedade. São Paulo: Paulus, 2006.

BOULENGER, Auguste. **Historia de la Iglesia**. Barcelona: Litúrgica Española, 1936.

BRENNAN, Anthony. **Life of St. Lawrence of Brindisi**: Apostle and Diplomat. London: R. & T. Washbourne, 1911.

CARGNONI, Costanzo. **I Frati Cappuccini**: documenti e testimonianze del primo secolo. Perugia: EFI, 1991. v. 3.

CARMIGNANO, Arturo da. **San Lorenzo da Brindisi**: perfil biográfico. Roma: Postulazione Generale dei Frati Minori Cappuccini, 1959.

COELHO, Paulo H. de G. **A divindade do Espírito Santo como princípio de Vida divina na vida humana**. 172 p. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. Constituição Dogmática *Lumen Gentium*. In: COSTA, Lourenço (Coord.). **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II**. São Paulo: Paulus, 2012. p. 179-192.

_____. Decreto *Unitatis redintegratio*. In: COSTA, Lourenço (Org.). **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)**. São Paulo: Paulus, 1997. p. 215-240.

D'ALATRI, Mariano. Santos e Santidade. In: CRISCUOLO, Vincenzo. **Os capuchinhos: fontes documentárias e narrativas do primeiro século (1525-1619)**. Brasília: Conferência dos Capuchinhos do Brasil, 2007.

DENZINGER, Henrici. **Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral da Igreja católica**. São Paulo: Loyola, 2006.

DROBNER, Hubertus R. **Manual de Patrologia**. Petrópolis: Vozes, 2003.

FELLER, Vitor G. **Jesus de Nazaré: homem que é Deus**. Petrópolis: Vozes, 2004.

FIORES, Stefano de; MEO, Salvatore. **Dicionário de Mariologia**. São Paulo: Paulus, 1995.

FREGONA, Antonio. **I frati cappuccini nel primo secolo di vita (1525-1619): approccio critico alle fonti storiche, giuridiche e letterarie più importanti**. Padova: Messaggero Padova, 2006.

FRÖHLICH, Roland. **Curso básico de História da Igreja**. São Paulo: Paulus, 1987.

GONZÁLEZ, Carlos Ignacio. **Maria: evangelizada e evangelizadora**. São Paulo: Loyola, 1990.

HUSCENOT, Jean. **Os doutores da Igreja**. São Paulo: Paulus, 1998.

INÁCIO DE ANTIOQUIA. Carta aos Efésios. In: Coleção Patrística: **Padres Apostólicos**. São Paulo: Paulus, 1997.

IRINEU DE LIÃO. **Contra as heresias: denúncia e refutação da falsa gnose**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1995.

IRINEU DE LIÃO. **Demonstração da pregação apostólica**. São Paulo: Paulus, 2014.

JOÃO XXIII. **Carta apostólica *Celsitudo ex Humilitate***. Roma, 1959. Não paginado. Tradução nossa. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/john-xxiii/la/apost_letters/1959/documents/hf_j-xxiii_apl_19590319_celsitudo-humilitate.html>. Acesso em: 6 out. 2022.

LAWRENCE OF BRINDISI. **The Mariale**. Trad. Vernon Wagner. Delhi: Media House, 2007.

LÉPICIER, Alexis M. **São José: esposo da Santíssima Virgem Maria**. Campinas: Ecclesiae, 2014.

LÓPEZ-MELÚS, Rafael M. **San Lorenzo de Brindisi**. Sevilla: Apostolado Mariano, 1989.

LORENZO DE BRINDIS. **Marial: María de Nazaret, Virgen de la Plenitud**. Trad. Agustín G. Sancho e Bernardino de Armellada. Madrid: BAC, 2004.

MOREIRA, Maria A. F. O contexto histórico da definição dos dogmas marianos. **Teologia em Questão**. Taubaté, nº 32, 2017, p. 169-188.

MURAD, Afonso T. **Maria, toda de Deus e tão humana: compêndio de mariologia**. São Paulo: Paulinas; Aparecida: Santuário, 2012.

ORÍGENES. **Homilias sobre o Evangelho de Lucas**. São Paulo: Paulus, 2016.

ORO, José García. **Historia de la Iglesia: Edad Moderna**. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2005.

PAREDES, José C. R. G. **Mariologia: síntese bíblica, histórica e sistemática**. São Paulo: Ave-Maria, 2011.

PIAZZA, Adeodato Giovanni. S. Lorenzo da Brindisi: vir apostolicus nel suo e nel nostro tempo. In: MARIA, Clemente. (Org). **S. Lorenzo da Brindisi: Studi**. Coleção Miscellanea Laurentiana. Roma: Seminario di Padova, v. 1. p. 231-245, 1951.

RENGERS, Christopher. **The 33 Doctors of the Church**. Charlotte: TAN Books, 2014.

ROSCHINI, Gabriele M. La mariologia di S. Lorenzo da Brindisi. In: MARIA, Clemente. (Org). **S. Lorenzo da Brindisi**: Studi. Coleção Miscellanea Laurentiana. Roma: Seminario di Padova, v. 1. p. 141-180, 1951a.

ROSCHINI, Gabriele M. **La mariologia di S. Lorenzo da Brindisi**. Coleção Miscellanea Laurentiana. Roma: Seminario di Padova, v. 2, 1951b.

SANCHO, Agustín Guzmán. **San Lorenzo de Brindis**: Doctor Apostolicus. Villafranca del Biezo: Centro de Propaganda, 1994.

SESBOÛE, Bernard; BOURGEOIS, Henri; TIHON, Paul. **História dos dogmas**: os sinais da salvação. São Paulo: Loyola, 2013.

TEMPORELLI, Clara. **Maria, mulher de Deus e dos pobres**: releitura dos dogmas marianos. São Paulo: Paulus, 2010.

